

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS / ESTUDOS
LITERÁRIOS
Mestrado em Literatura

LEANDRO FERREIRA MORAIS

LITERATURA SURDA EM MEMÓRIAS: O SUJEITO SURDO E A FAMÍLIA EM
PROCESSO MÚTUO DE SUBJETIVAÇÃO

Montes Claros–MG

2025

LEANDRO FERREIRA MORAIS

**LITERATURA SURDA EM MEMÓRIAS: O SUJEITO SURDO E A
FAMÍLIA EM PROCESSO MÚTUO DE SUBJETIVAÇÃO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras / Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literatura.

Área de concentração: Tradição e Modernidade

Linha de Pesquisa: Leitura Literária: Representações do autor e do leitor

Orientador: Prof. Dr. Marcio Jean Fialho de Sousa

Montes Claros—MG

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

LEANDRO FERREIRA MORAIS

LITERATURA SURDA EM MEMÓRIAS:

O sujeito surdo e a família em processo mútuo de subjetivação

Exame de defesa apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras / Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literatura.

Área de concentração: Tradição e Modernidade

Linha de Pesquisa: Leitura Literária: Representações do autor e do leitor

Orientador: Prof. Dr. Marcio Jean Fialho de Sousa

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcio Jean Fialho de Sousa (Orientador)
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.

Examinador 1

Examinador 2

Examinador Suplente

“É preciso abrir o baú da memória com as mãos dos próprios surdos
E apresentar as nossas próprias histórias, pois ainda há muito para contar e construir”

Gisele M. Monteiro Rangel

“Ensina-me o teu caminho, Senhor, para que eu ande na tua verdade.”

Salmos 86:11

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, a Deus, que esteve comigo em toda a minha trajetória.

Agradeço à minha família, especialmente à minha esposa Karine, sou profundamente grato pelo apoio, incentivo, ajuda, por não me deixarem desistir e pelo carinho cheio de amor.

Um dia, chegou o meu filho Bernardo, e minha vida mudou. Ele me trouxe sorrisos, amor e renovou minha motivação.

Sou grato aos meus pais, Osmar e Izabel, que, mesmo morando longe, estão sempre presentes nas minhas lembranças, desde a infância, guardados com muito carinho no meu coração.

Agradeço também à minha sogra, Maria Rosânia, e ao meu enteado, Pedro Emanuel, pelo carinho e apoio.

Ao meu orientador, Professor Doutor Márcio Jean Fialho de Sousa, agradeço por ter escolhido a minha pesquisa sobre Literatura Surda. Ele tem a sorte e o mérito de conhecer a Língua de Sinais, de ter conhecimento sobre a cultura surda e a identidade surda, além de ensinar, compartilhar saberes tão ricos, sempre com apoio e paciência.

À intérprete de Libras, Débora, muito obrigado por ter me ajudado, traduzido, apoiado com paciência e carinho. À intérprete de Libras, Amanda, também agradeço pelo carinho e dedicação.

Aos meus amigos, surdos e ouvintes, sou imensamente grato pela convivência. Foi muito bom caminhar com vocês nesta jornada. Agradeço pelas trocas de experiências, pelo apoio mútuo e pelas conversas que tornaram os dias mais leves e alegres.

Houve um momento em que parei os estudos por um ano; pensei em desistir. Um dia, orei a Deus para que alguém aparecesse e me apoiasse. E então, a Bárbara me incentivou, me apoiou e, graças a ela, eu voltei a estudar.

Sou grato à Pastoral do Surdo, pela convivência com a Língua de Sinais desde anos atrás, e à CCB (Congregação Cristã no Brasil), grato pelas palavras de Deus e pelos ensinamentos que sempre me acolheram com amor e fé.

Muito obrigado a todos que fizeram parte desta trajetória!

Dedicatória

A Ti, meu Deus, que és luz e caminho, em meio às pedras, ao medo e ao espinho, Tua mão firme me sustentou e minha alma, cansada, renovou.

Nos dias difíceis, quando pensei em parar, Tua voz suave me fez levantar. Com fé, segui... e aprendi que, em Ti, sempre posso confiar.

À minha esposa, Karine, que me acolheu quando caí, que foi abrigo, força e inspiração, ensinando-me, com amor e fé, a levantar a cabeça e seguir em frente, mesmo quando o medo tentou me parar.

Ao Bernardo, meu filho, que me fez renascer, com o brilho do sorriso e o dom de me fortalecer. Seu carinho é abraço que acalma, seu amor, força que preenche minha alma.

Ao Pedro Emanuel, meu enteado querido, ensinou-me o valor do acolhido: que, mesmo sendo diferentes no ser, no amor e no respeito podemos crescer.

Que a fé, a força e a superação sejam sempre meu farol, pois, com Deus, nenhum sonho é só, e, como está escrito, para me lembrar:

“Mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças; subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão.” (Isaías 40:31)

RESUMO

Sabe-se que o contato diário com a Libras é muito importante para o desenvolvimento do surdo, para refletir sobre si mesmo, sobre seu comportamento, sentimentos e entender-se como sujeito de sua própria história. Para tanto, o apoio da família também é primordial nesse processo, ou seja, todos precisam se envolver e proporcionar a comunicação e participação desse indivíduo surdo em todos os momentos, no ambiente familiar e fora dele, para que guarde memórias e experiências que contribuirão para se descobrir como sujeito surdo pertencente a uma comunidade com sua própria língua, identidade e cultura. Desse modo, esta dissertação pretendeu analisar textos memorialísticos de autores surdos e de ouvintes da comunidade surda, com foco em três relatos autobiográficos, presentes na obra *Família sem Libras: até quando?* (2018), da coletânea organizada por Cleusa Inês Ziesmann, Gladis Perlin, Shirley Vilhalva e Sonize Lepke. O objetivo foi identificar como as relações familiares vivenciadas por eles, bem como a aquisição da língua de sinais, contribuíram com os processos de subjetivação de cada um como sujeitos surdos ou como sujeitos pertencentes a esta comunidade. Foi feita a análise da presença de narrativas autobiográficas nos estudos da Literatura Surda com o suporte teórico a respeito da escrita de si, de Michel Foucault (2009), e seus processos de subjetivação na relação língua e família; apresentou também a discussão e debates propostos por Kanavillil Rajagopalan (2003), acerca da língua e identidade; Karin Strobel (2009a, 2009b), com suas discussões sobre a Literatura e cultura surda.

Palavras-chave: Literatura Surda. Língua de Sinais. Família. Processos de Subjetivação. Relatos Autobiográficos.

ABSTRACT

Daily contact with Libras is crucial for the development of deaf individuals, enabling them to reflect on themselves, their behavior, and their feelings, as well as to understand themselves as the subject of their own story. To this end, family support is also essential in this process. Everyone needs to be involved and provide communication and participation for deaf individuals at all times, both within and outside the family environment, so that they can maintain memories and experiences that will contribute to their self-discovery as a deaf individual belonging to a community with their own language, identity, and culture. Thus, this dissertation aimed to analyze memoirs by deaf and hearing authors from the deaf community, focusing on three autobiographical accounts found in the book "Family without Libras: Until When?" (2018), from the collection edited by Cleusa Inês Ziesmann, Gladis Perlin, Shirley Vilhalva, and Sonize Lepke. The objective was to identify how the family relationships they experienced, as well as the acquisition of sign language, contributed to the processes of subjectivation of each individual as deaf individuals or as individuals belonging to this community. The analysis of the presence of autobiographical narratives in Deaf Literature studies was carried out with the theoretical support of Michel Foucault's (2009) "writing the self" and its processes of subjectivation in the relationship between language and family. It also presented the discussion and debates proposed by Kanavillil Rajagopalan (2003) on language and identity; Karin Strobel (2009a, 2009b) on Deaf Literature and culture.

Keywords: Deaf Literature. Sign Language. Family. Subjectivation Processes. Autobiographical Accounts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Feijãozinho Surdo.....	22
Figura 2 – Patinho Surdo.....	23
Figura 3 – Rapunzel Surda.....	25
Figura 4 – Família sem Libras: até quando?	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A LITERATURA COMO PRODUÇÃO CULTURAL DO POVO SURDO.....	17
1.1 Processos colaborativos: Surdos também interagem.....	17
1.2 Aspectos sobre o povo surdo e sua cultura.....	19
1.3 Perspectivas sobre a Literatura Surda.....	21
1.4 A Literatura Surda na formação do sujeito Surdo.....	26
2 MEMÓRIAS: GERAÇÕES DOS POVOS SURDOS.....	32
2.1. Memórias como instrumento de resistência da comunidade Surda.....	32
2.2. Processos de subjetivação e a experiência surda.....	36
3 O DISCURSO DAS MEMÓRIAS NO LIVRO FAMÍLIA SEM LIBRAS: ATÉ QUANDO?	40
3.1 Caracterização da obra.....	40
3.2 Daniel Lopes Romeu: relação entre família e aquisição da língua de sinais	44
3.3 Esmeralda Stelling: mãe-professora ouvinte e a luta por seu filho surdo.....	48
3.4 Elis Gorett: a importância da família na divulgação da língua de sinais.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	5

INTRODUÇÃO

As línguas de sinais são muito importantes para a comunicação da pessoa surda, também por isso a Libras, Língua Brasileira de Sinais, deve ser valorizada, pois por meio dela, os surdos brasileiros recebem informações e se expressam de maneira mais adequada e confortável, o que também contribui muito para isso é a Literatura Surda. Esta, por sua vez, abrange vários aspectos e perspectivas da cultura surda que podem ser objeto de investigação.

Ao refletir sobre esses aspectos, apresento aqui um pouco da minha história de vida, na qual observo que são vivências que ainda acontecem em muitas famílias da nossa sociedade. Tanto que vários dos autores surdos também compartilham essas experiências em suas narrativas, o que me motivou a pesquisar e analisar estratégias para que a realidade de outras pessoas surdas possa mudar e que elas tenham oportunidade de experimentar mais o contato com a literatura, um dos mais diversos meios de acesso à cultura e que, por meio dela é possível refletir sobre nossa condição na sociedade.

Eu nasci surdo e tenho uma irmã surda, morávamos em uma área bem pequena, na região de Caixa d'Água, zona rural de Itapeverica-MG. Não sabíamos Libras, nossa comunicação era realizada por gestos manuais caseiros. Minha identidade não era bem definida e não me sentia parte de uma cultura. Meus pais não possuíam muita informação sobre o sujeito surdo e suas especificidades. Foi necessário mudar para uma outra cidade para efetuar minha matrícula em uma escola, já que a preocupação da minha família era que eu fosse oralizado e me “enquadrasse” aos padrões dos ouvintes.

No período em que frequentei a escola, convivi com vários obstáculos e sofrimento, uma vez que nunca foi disponibilizado um intérprete de Libras para me acompanhar, em especial no Ensino Médio. Além disso, nunca tive informações sobre assuntos relacionados à Libras ou sobre a importância da Literatura Surda. Sempre enfrentei muitas limitações e barreiras no ambiente escolar, um dos motivos é o fato de que os professores não possuíam uma metodologia específica para me ensinar e assim não havia estímulo ou motivação para que eu participasse das aulas. Vale ressaltar que raramente um colega se colocava à disposição para me auxiliar com alguma atividade.

Eu sempre mostrei muita força de vontade para me tornar igual aos ouvintes, meu desejo era de realmente ser igual a eles e seguir os seus modelos e padrões, mas não consegui e à

medida que o tempo passava me sentia mais angustiado. Outro fator que me aborrecia era quando, no Ensino Médio, alguns alunos faziam coisas erradas e apontavam para mim para que os professores achassem que eu era o culpado, foi um período em que sofri muito *bullying* também.

Para além disso, nessa escola que eu estudava havia uma sala em que a turma era bilíngue, nela os alunos se comunicavam em Libras, mas eu era obrigado a estudar com uma turma regular, com os alunos ouvintes, porque desde criança fui oralizado. Ademais, minha família insistia que eu deveria estudar com os ouvintes para me “enquadrar” aos padrões deles, que até tentei, mas nunca tive êxito. Quando criança, nas brincadeiras, acompanhava e gostava de participar com os colegas, mas na adolescência houve uma mudança em meu comportamento, eu me sentia muito sozinho, pois não tinha com quem me relacionar, visto que não havia um grupo que falasse a minha língua para que eu pudesse interagir, por isso comecei a me afastar desse grupo de ouvintes. Infelizmente, o ambiente escolar provocou esses obstáculos que impactaram minha adolescência.

Quando tive contato com a literatura, percebi que era importante explorar a imaginação e a fantasia, entretanto minha leitura era superficial: eu passava os olhos pelos textos literários, mas não entendia o significado das palavras. Meu sentimento era de ser uma pessoa sem identidade, sem Libras, sem cultura, sentia-me perdido.

Somente aos 19 anos entrei em um processo de subjetivação, ou seja, comecei a pensar que eu era diferente das outras pessoas, até mesmo da minha irmã, mesmo ela sendo surda como eu. Desse modo iniciei reflexões sobre minha identidade, apesar de ainda ter muitas dúvidas. Então, aos 21 anos, posso afirmar que me descobri como sujeito surdo e comecei a me construir a partir da identidade surda. Isso ocorreu desde o momento em que tive contato com outros surdos fluentes em Libras e com a cultura surda, mas ainda havia lacunas, agora queria conhecer mais a respeito da Literatura Surda, pois desejava explorá-la.

Ao ingressar no Ensino Superior, no curso de Letras Libras, aos 25 anos, vivenciei novas experiências e adquiri mais conhecimentos a respeito da Literatura Surda. Particularmente, a partir dos estudos de disciplinas específicas, da participação em palestras, seminários, e assistindo a poesias visuais, foi uma vivência incrível. Desde esse momento, houve um despertar sobre a importância da literatura para meu aprendizado, e percebi o quanto também pode ser importante para crianças surdas. Muitas dessas crianças, assim como eu, não têm oportunidade de conviver com suas famílias sem a aquisição da Língua de Sinais e sem

acesso a narrativas que contribuem para a construção do imaginário. Por esse motivo, é necessário que sejam realizadas mais pesquisas com o intuito de que elas se desenvolvam como sujeitos surdos.

Recordo-me de que, após ter esse entendimento, retornei aos livros de literatura clássica que li na infância e entendi as histórias que são contadas neles, já que naquela época não tinha sentido algum para mim. Foi uma descoberta tardia e, pensando em minha trajetória, almejo com este trabalho contribuir com discussões valiosas sobre a importância da língua visual (Libras) e da literatura para as crianças surdas, para que não haja esse atraso.

Para que haja esse processo de subjetivação mútua, a família precisa ter o conhecimento sobre a importância da Literatura Surda e da língua de sinais no seio familiar, abrindo um novo olhar para o mundo e para novas perspectivas, oportunizando experiências e novos conhecimentos ao sujeito surdo. Desse modo, por meio da leitura e análise de textos memorialísticos de autores da comunidade surda, a proposta é analisar três relatos autobiográficos: “Minha história: minha vida”, de Daniel Lopes Romeu (surdo), “A Libras na família de uma mãe-professora”, de Esmeralda Stelling (ouvinte) e “Pelo direito de viver com minha língua: Libras um divisor de águas”, de Elis Goretti da Silveira Lemos (ouvinte), presentes na obra *Família sem Libras: até quando?* (2018), da coletânea organizada por Cleusa Inês Ziesmann, Gladis Perlin, Shirley Vilhalva e Sonize Lepke. A análise tem como objetivo: identificar como as relações familiares vivenciadas por esses autores da comunidade surda foram significativas para seu desenvolvimento pessoal, assim como identificar como a língua de sinais e a aquisição dessa língua pôde contribuir com os processos de subjetivação de cada um como sujeitos surdos. Para isso, será necessário identificar o papel da Literatura Surda para o desenvolvimento do sujeito surdo na sociedade; identificar como o exercício das memórias escritas podem corroborar para o processo formativo do indivíduo surdo, seja na escrita seja na leitura como processo de perpetuação de valores e, por fim, analisar os discursos memorialísticos, corpus desta pesquisa, presentes no livro *Família sem Libras: até quando?*.

Desse modo, salientando que, ao se falar da Literatura Surda é preciso primeiro entender que a criança surda também carece de aprender a língua de sinais para ser imersa no mundo da comunidade surda. É sabido que o contato diário com a Libras é muito importante para o desenvolvimento do surdo, para pensar e refletir sobre sua consciência, seu comportamento, sentimentos e entender-se como sujeito de sua história. Nesse processo, o apoio da família também é primordial, todos precisam se envolver e proporcionar a comunicação e a participação desse filho surdo em todos os momentos no ambiente familiar e fora dele, só assim

ele guardará memórias e experiências que contribuirão para se descobrir como sujeito surdo dotado de uma língua, identidade e cultura próprias.

Diante dessa discussão inicial aqui apresentada, esta pesquisa está sendo organizada em três capítulos, intitulados: Capítulo 1: “A Literatura como produção cultural do povo surdo”; Capítulo 2: “Memórias das gerações dos povos surdos” e Capítulo 3: “O discurso das memórias do livro *Família sem Libras: até quando?*”, além desta Introdução e das Considerações Finais.

O primeiro capítulo aborda as perspectivas sobre a Literatura Surda, buscando mostrar um possível conceito e, também, identificar nos textos apresentados como o sujeito surdo interage com sua família, como é a convivência, quais são as suas experiências de vida, como se desenvolve, como ele se sente neste mundo, entende a contação de histórias e cria ou imagina. Também é apresentado o livro *Família sem Libras: até quando?* (2018) organizado por Shirley Vilhalva e outras autoras, com vários relatos de experiências de pessoas surdas e ouvintes que convivem com pessoas surdas, acerca de qual forma elas vivenciaram essas experiências.

O capítulo dois trata das memórias do povo surdo, com o intuito de apresentar como se dá esse processo na comunidade surda por meio das memórias, das experiências e de como os surdos se expressam, apresentando como exemplo registros presentes no livro *Família sem Libras: até quando?* (2018). Além de trazer à discussão outros autores como Le Goff (2003), Karin Strobel (2009B), Shirley Vilhalva (2004), Emmanuelle Laborit (2000), entre relatos, autobiografias e reflexões teóricas também apresentam conceitos importantes sobre a história e as memórias, das identidades, como elas são construídas.

No terceiro capítulo é feita então uma análise desse assunto a partir dos autores surdos e ouvintes, tendo como objetivo analisar textos memorialísticos presentes no livro *Família sem Libras: Até quando?* (2018), com destaque aos capítulos escritos por Daniel Lopes, Esmeralda Stelling e Elis Gorett, reunindo diversos autores e autoras que contribuem com relatos, reflexões e experiências relacionadas à vivência da surdez no contexto familiar.

Por fim, nas conclusões, serão retomados os principais pontos discutidos nos capítulos, mostrando como a memória tem um papel importante na resistência e na construção da identidade surda. Será feita análise das contações e experiências compartilhadas no livro *Família sem Libras: Até quando?* (2018), com a contribuição da teoria dos autores e autoras que vivenciam ou pesquisam uma reflexão crítica sobre a importância do registro e da valorização das vivências da comunidade surda, especialmente no contexto familiar. Desse

modo, será possível refletir sobre o quanto é importante valorizar essas histórias de vida. Além disso, a conclusão também vai reforçar como a Literatura Surda, as autobiografias e os relatos ajudam a manter viva a cultura e identidade surda e a destacar a Libras como uma língua essencial para fortalecer os laços dessa comunidade surda.

CAPÍTULO 1

A LITERATURA COMO PRODUÇÃO CULTURAL DO POVO SURDO

Neste capítulo, foi feita uma reflexão sobre a forma como essas pessoas expressam sua cultura e como cada sujeito surdo explica como foi sua experiência de vida. Foi apresentado também o livro *Famílias sem Libras: até quando?* (2018), que possui muitas vivências dos surdos. Mas não há apenas uma história nesse livro, existem diversos relatos em que os surdos e outras pessoas ouvintes da comunidade surda expressam suas histórias de vida e ou suas experiências com pessoas surdas. Em todos os relatos memorialísticos há a discussão sobre a importância da língua de sinais no cotidiano da comunidade surda.

1.1. Processos colaborativos: Surdos também interagem

É importante que surdos e ouvintes possam conviver e compartilhar experiências, os surdos não devem ficar isolados, é necessário que haja essa interação e essa troca, principalmente através da língua de sinais. Em famílias de ouvintes em que nascem filhos surdos, o que na maioria das vezes acontece é a interação por meio da experiência visual associada ao processo de apontar. Aponta-se o objeto e pessoas para saber o que o surdo quer ou precisa, mas não há uma comunicação eficiente por meio desse processo, pois os códigos desse tipo de comunicação acabam sendo particulares e limitantes.

A maioria desses familiares não têm conhecimento sobre a língua de sinais e o filho surdo não tem experiências positivas na infância e, ao passar dos anos, se desenvolve com muita dificuldade por causa das barreiras e limitações que enfrenta todos os dias, por isso há um atraso nesse desenvolvimento. Esse sujeito só consegue evoluir quando adquire a língua de sinais e começa a se expressar por meio dela, a partir disso é possível que haja a contação de histórias e a escrita que também é importante.

No livro *Família sem libras: até quando?* (2018), por exemplo, é relatada uma história real que aconteceu com um pai e uma mãe ouvinte que teve uma filha surda, e mostra como foi a vida deles. Ao resgatar essas memórias, eles relatam os desafios que tiveram para lidar com essa nova situação em suas vidas e como superaram as dificuldades nesse processo de comunicação e ensino para sua filha. Além dessa história, há muitos outros relatos de experiências de vida de outros surdos em variados capítulos do livro, algumas delas serão apresentadas adiante.

Os surdos e os ouvintes convivem e interagem, mas cada um possui a sua própria língua. Os surdos se expressam através das mãos, por meio da língua de sinais que é uma língua visual e os ouvintes utilizam a audição e se comunicam oralmente através da voz por meio da fala. Isso não impede, porém, que eles compartilhem de uma mesma comunidade que é a comunidade surda. É importante saber que em cada cidade e em cada estado há uma comunidade surda e cada uma delas é diferente, essas comunidades não são todas iguais por causa das influências de cada estado e cidades diferentes onde estão localizadas. Assim como a língua oral possui variações linguísticas, o mesmo ocorre com a Língua de Sinais.

Essas vivências e trocas entre surdos e ouvintes não são negativas, pelo contrário, expressam as experiências de vida dos surdos, seus desafios e seus objetivos de vida. Quando entra em contato com outras comunidades, o surdo percebe que cada uma possui uma maneira de se expressar e tem objetivos diferentes, assim é importante que os sujeitos surdos não fiquem acomodados em contato apenas com a sua comunidade que já tem intimidade, mas que busque compartilhar experiências com outras comunidades surdas também.

Nesse sentido, a Literatura Surda contribui para que o leitor surdo possa ter contato com diferentes realidades, para que possa se identificar, além de promover a valorização da pessoa surda. Isso porque, ela apresenta as vivências dos surdos de forma visual, pela língua de sinais, mas também pela língua escrita, mas sempre trazendo a experiência do sujeito surdo como tema ou como produtor da arte surda. É importante dizer que as gerações de povos surdos sempre contaram suas histórias através da língua de sinais, essa prática nunca acabou, por isso é importante que os adultos continuem contando histórias para as crianças surdas, são essas trocas e informações que contribuem para o seu desenvolvimento.

Os relatos autobiográficos do livro *Famílias sem Libras: até quando?* (2018) recordam algumas histórias da Literatura Surda Infantil, que ainda que sejam fictícias, acabam trazendo reflexões para a vida prática, e além disso estimulam a fantasia e a imaginação nas crianças através das imagens e cores. Alguns exemplos da Literatura Surda Infantil são: *Patinho Surdo* (2005), *O Feijãozinho Surdo* (2009), *Rapunzel Surda* (2003), entre vários outros livros infantis que parecem apresentar apenas histórias simples com suas imagens, mas que na verdade representam histórias reais por trás da fantasia e imaginação. Nesse estudo é feita a comparação entre as histórias infantis e os relatos dos surdos e por isso é importante que essas histórias sejam contadas para as crianças para que elas possam compreender as experiências e vivências do povo surdo.

1.2. Aspectos sobre o povo surdo e sua cultura

Com a descoberta da minha língua encontrei a chave da porta maciça que me separava do mundo. (Laborit, 2000, p. 49).

Jeito surdo de ser, de perceber, de sentir, de vivenciar, de comunicar, de transformar o mundo de modo a torná-lo habitável. (Strobel, 2018, p. 25)

Antes de tratar sobre a Literatura Surda, vale discorrer sobre algumas especificidades do povo surdo e da cultura surda, visto que esse o povo foi, durante muito tempo, impedido de se comunicar com sua língua visual e de, assim, organizar-se em comunidades durante um longo período no Brasil. Desse modo, é preciso falar sobre a importância da língua para a constituição de uma comunidade, para a formação de uma identidade, tal como apresentado na epígrafe de Emmanuelle Laborit (2000) que abre esse capítulo. É com a língua e pela língua que Laborit, supracitada, afirma se abrir ao mundo, a conhecer e a se reconhecer no mundo.

Desse modo, um dos primeiros artefatos a ser, grosso modo, definido é a língua. Segundo Rajagopalan, é preciso discutir a língua a partir de uma conceitualização mais ampla, pois afirmar apenas que as línguas se constituem em sistemas autossuficientes, exclui a discussão de que qualquer ‘dado empírico’ recolhido de forma aleatória pode contribuir para a formação da língua em contextos específicos e ou diversos (Cf. Rajagopalan, 2003, p. 26). Nesse sentido, “o conceito clássico da língua [torna-se] cada vez mais difícil de sustentar”, ignora a perspectiva de que a língua “abriga não só a ideia de autossuficiência, mas também faz vistas grossas às heterogeneidades que marcam todas as comunidades de fala”. (Rajagopalan, 2003, p. 27).

Essas mesmas questões podem ser observadas na variação da língua visual, esta, por sua vez, implica na:

[...] utilização da visão, (em substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura (Perlin; Miranda, 2003, p. 218 apud Strobel, 2009a, p. 41).

É muito importante essa definição, pois apresenta a língua como o resultado de uma cultura, compõe a cultura ao mesmo tempo que resulta dela. Concomitantemente, como afirma Strobel (2018, p. 44) a língua visual passa a ser parte da experiência e da comunicação, da interação.

Assim como as línguas orais, as línguas de sinais também são completas e pelas experiências visuais, os surdos expressam seu modo de ser através de sua cultura. O foco não deve ser apenas a expressão dos sujeitos ouvintes, como se a língua oral fosse superior aos outros tipos de línguas. Surdos e ouvintes possuem suas línguas próprias, uns se comunicam com as mãos e os olhos e outros com a voz e a audição. Mas a diferença marcante está na identidade surda, na cultura surda, no povo surdo e na comunidade surda em que se percebe a importância da valorização da língua para o povo surdo que tem uma identidade e cultura bem definida.

Então, entende-se que não há apenas uma comunidade, mas várias, e a que é foco desta pesquisa é a comunidade surda, que também não é única. Em cada local, estado, existe uma comunidade surda que é composta por surdos, familiares de surdos e outras pessoas ouvintes que utilizam a língua de sinais. Elas estão presentes em comemorações, associações, igrejas, praças e escolas para partilhar das experiências e vivências dos surdos e contribuir para que eles alcancem seus objetivos.

Uma comunidade Surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade Surda pode incluir pessoas que são elas próprias Surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para os alcançar (Padden; Humphries, 2000, p. 5 apud Strobel, 2009a, p. 33).

Como citado pelos autores acima, a comunidade surda não é composta somente por sujeitos surdos que utilizam a língua de sinais. Ela é aberta a pessoas ouvintes que queiram aprender, compartilhar, interagir e participar desta comunidade, segundo Strobel “[...] a comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos; há também sujeitos ouvintes – membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros – que participam e compartilham interesses comuns em uma determinada localização” (Strobel, 2009a, p. 33).

A pessoa se descobre como sujeito surdo quando se encontra com seus pares, trocam experiências em sua língua que é a língua de sinais. A convivência entre o povo surdo proporciona uma comunicação natural que passa pela língua. Mesmo que o surdo esteja em um

local distante, ele se sente confortável para se comunicar do seu jeito porque está com o seu povo. Os povos surdos têm o costume de se reunir em grupos para conversar e tradicionalmente contar as histórias que vão passando de geração em geração. É importante que na família que nasce um filho surdo, desenvolva essa língua e mantenha essa prática, porque o surdo compartilha suas experiências pelo mundo visual.

[...] conjunto de pessoas que falam a mesma língua, têm costumes e interesses semelhantes, história e tradições comuns. [...] conjunto de pessoas que vivem em comunidade num determinado território; nação, sociedade [...] conjunto de indivíduos de uma mesma ou de várias nacionalidades, agrupados num mesmo Estado. [...] conjuntos de pessoas que não habitam mesmo país, mas que estão ligadas por uma origem, sua religião ou qualquer outro laço (Houaiss; Villar, 2001, p. 2275 apud Strobel, 2009a, 32).

Conforme citado, a pessoa surda para se constituir como sujeito, precisa entrar em contato com alguns elementos culturais a partir das relações com outros surdos que possuem um histórico de costumes, memórias e histórias de vida parecidas e também quando começam a interagir e trocar experiências de vida em diversos locais. O surdo que não se sente como um sujeito com uma cultura e identidade porque nunca teve contato com seus pares e sempre viveu isolado por outros caminhos, quando encontra com outros surdos, conhece a língua de sinais e começa a adquirir essa língua, ele se integra com esse povo e começa a se desenvolver. É importante que não fique somente em um mesmo local, mas que ele possa frequentar vários lugares como igrejas, associações, escolas e participe da política dos diversos locais para que, nesse novo caminho, o sujeito surdo possa ter contato com elementos que vão contribuir para ele se constituir como um sujeito.

1.3. Perspectivas sobre a Literatura Surda

O que é literatura? É uma pergunta que tem várias respostas. E não se trata de respostas que paulatinamente, vão se aproximando cada vez mais de uma grande verdade, da verdade –verdadeira. Não existe uma resposta correta, porque cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição. Respostas e definições – vê-se logo – para uso interno. (Lajolo, 1982, p. 25).

Lodenir Karnopp (2010) explica que, para se referir às histórias que possuem a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes nos textos e narrativas, utiliza-se a expressão

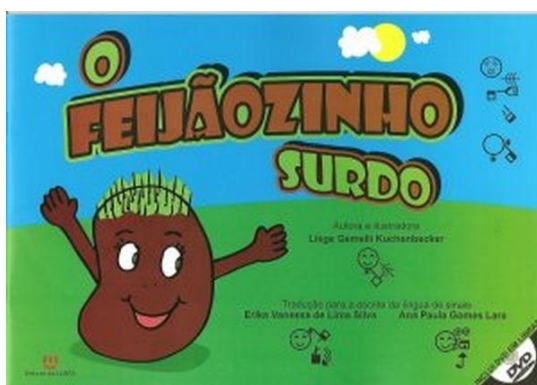
Literatura Surda que se trata de uma produção de textos literários em sinais, através da tradução da experiência visual. A autora ainda afirma que “[...] entende a surdez como presença de algo e não como falta, possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo lingüístico e cultural diferente” (Karnopp, 2010, p. 161). Também Strobel (2009a), corroborando com essa discussão, sinaliza que a Literatura Surda:

[...] traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais (Strobel, 2009a, p. 61).

Desse modo, conforme apresenta Lodenir Karnopp e Karin Strobel, a Literatura Surda perpassa várias gerações até hoje, e pelos mais diversos gêneros textuais. A contribuição desse tipo de literatura está também no processo de aquisição da língua e na formação da própria personalidade, visto que, por meio de um processo de alteridade, a criança surda vai sendo imersa a cultura surda, e a criança ouvinte que tem contato com esses textos vai sendo formada para conviver com a diferença e com o diferente, como ocorre, por exemplo, no livro *O Feijãozinho Surdo*, de Liège Gemelli Kuchenbecker, publicado em 2009.

A seguir, serão apresentados alguns exemplos de literaturas que contribuem para o processo reflexivo diante da criança surda.

Figura 1: O Feijãozinho Surdo



Fonte: Kuchenbecker (2009).

Este é um livro que conta a história de uma família de um surdo. A família ouvinte teve um filho surdo e, por esse motivo, sentem-se angustiados e tristes, e isso realmente acontece em algumas famílias. Os pais olhavam para seu filho e não sabiam como cuidar dele e ficavam

cada vez mais tristes. Após algum tempo, uma fada aparece e mostra uma escola para eles frequentarem com seu filho. O pai e a mãe descobriram muitas coisas interessantes e essa foi a importância da fada. Da mesma forma, foi necessário que a família do surdo estivesse aberta e disposta a conhecer a comunidade surda e suas especificidades. Esse livro do *Feijãozinho Surdo* mostra a história de muitos pais ouvintes com criança surda e que passam pelos mesmos desafios. Outros livros também têm relatos de surdos explicando sobre essas experiências.

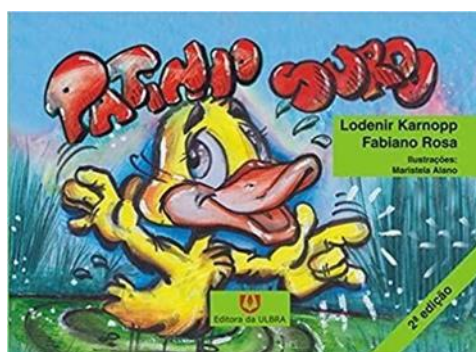
Analisando essa história, pode-se entender que esse livro mostra, através das imagens associadas aos textos em língua portuguesa e a escrita de sinais, a realidade da comunidade surda nas quais famílias de ouvintes em que nascem filhos surdos precisam abrir suas mentes para compreender essa cultura, demonstrar empatia, aceitar essas pessoas e entender como elas são. A história de *O Feijãozinho Surdo* é recorrente na realidade da criança surda, assim relata Sonia T. Messerschmitt (2018):

Meus pais foram chamados na escola e sugeriu-se que me levassem para uma escola para surdos que havia na cidade de Caxias do Sul, pois era muito difícil ensinar um surdo junto a uma turma de ouvintes. Meus pais não sabiam da existência desta escola, mas, depois da orientação da professora, resolveram ir morar nesta cidade e eu, então com 6 anos fui estudar no “Instituto de Educação dos Surdos” (Messerschmidt, 2018, p. 273).

Ou seja, conforme o texto literário de *O Feijãozinho Surdo* e endossado pelo relato biográfico de Messerschmitt, é possível perceber o quanto a família ouvinte de uma criança surda vai aprendendo os processos, os direitos e as oportunidades mutuamente com a criança.

Já o livro *Patinho Surdo*, de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp, publicado em 2005, é um livro muito conhecido na comunidade surda, uma referência. É uma adaptação feita pela comunidade surda, do emblemático *Patinho Feio*, do dinamarquês Hans Christian Andersen, publicada pela primeira vez em 11 de novembro de 1843.

Figura 2: Patinho Surdo



Fonte: Rosa; Karnopp (2005).

Nessa história é retratada a comunidade surda, sua cultura e identidade. A reflexão que se faz é que na família em que a maioria é ouvinte, o surdo fica sozinho, limitado, enfrenta muitas barreiras e não consegue adquirir uma identidade, cultura e língua própria. Um dia, passeando à procura de comida, conforme ordenou a mãe pata, o patinho surdo viu um grupo e sinalizou “oi” e, para sua surpresa, os patinhos responderam sinalizando. Foi aí que percebeu que existiam outros patinhos como ele, então, depois deste episódio que o patinho começou a aprender a língua de sinais e a perceber que havia uma comunidade, passou a noite pensando a respeito, assim ele afirma: “A gente consegue se comunicar! Eles parecem meus irmãos, minha família!” (Rosa; Karnopp, 2005, s.p), em outras palavras, percebe-se que o patinho toma consciência de que pertence a um grupo social, ao mundo de pessoas surdas, adquirir uma língua e, a partir dela, passa a perceber todas as coisas.

Em analogia a essa narrativa literária, nas memórias de Shirley Vilhalva, por exemplo, presentes no livro *Despertar do Silêncio*, de 2004, verificamos que ela passou por situações semelhantes. Conforme relata,

Quando criança eu não sabia que era surda (parcial) porque era difícil alguém conversar comigo, se conversavam eu não ouvia mesmo, ninguém nunca me chamou atenção para eu saber se eu deveria ouvir ou não. Em casa, meus familiares pouco conversavam, mas quando eles falavam de frente apontando o que eles queriam eu os entendia. Com muitas pessoas eu tinha dificuldade de comunicar, eu sempre procurava evitar pessoas estranhas, eu sempre tinha medo e me sentia insegura de ter descoberto a existência da comunicação (Vilhalva, 2004, p. 16).

Conforme o relato de Vilhalva, também ela, e muitos outros surdos, passaram e passam por essa experiência da solidão, de ser deixado “de lado”. Essa também foi a descoberta de Emmanuelle Laborit, conforme apresentado na epígrafe do subcapítulo 1.1 e que aqui é retomada: “Com a descoberta da minha língua encontrei a chave da porta maciça que me separava do mundo” (Laborit, 2000, p. 49).

O livro *Rapunzel Surda*, de Carolina Hessel Silveira, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp, publicado em 2003, é uma referência muito conhecida e a adaptação para a comunidade surda a partir do conto original dos irmãos Wilhelm Grimm e Jacob Grimm, publicado em 1815, sob o nome de Rapunzel.

Figura 3: Rapunzel Surda



Fonte: Silveira; Rosa; Karnopp (2003).

Em *Rapunzel Surda* (2003) é apresentada uma história de uma moça surda que estava presa em uma torre muito alta e não sabia Libras, nem conhecia a cultura e identidade surda. Na história, a bruxa má deixava a Rapunzel Surda presa, proibida de ter contato com outras pessoas e não podia aprender Libras. Ela viveu assim até os 18 anos. Rapunzel Surda passou por um período limitado e somente depois aprendeu a Libras, condição, segundo Kanavillil Rajagopalan (2003), em suas reflexões sobre a língua, para que o indivíduo constitua uma identidade. Isso também é a realidade das comunidades surdas, conforme exemplos já apresentados anteriormente, a saber o caso da Shirley Vilhalva, de Emmanuelle Laborit e de tantos outros surdos conhecidos e anônimos.

No livro *Família sem Libras: até quando?* (2018), objeto deste estudo, há relatos de experiências parecidas com a história do livro da *Rapunzel Surda* (2003), como, por exemplo, no texto coletivo de Claudia Espindola, Cleusa Inês Ziesmann e Jeize de Fátima Batista, onde afirmam que:

Nosso primeiro contato com o mundo dos surdos, com a Libras, com a identidade surda. Um misto de alegria e dor tomava conta de mim. Alegria de ver minha filha sentindo-se pertencente a um grupo, pois sempre me questionou não conhecer nenhum surdo da sua idade, era a única no mundo (na visão dela), dor por ter conhecido esse lugar tão tarde, minha filha já estava com 17 anos (Espindola et al, 2018, p. 63).

A literatura é muito importante, ela abre espaço para as pessoas expressarem seus sentimentos e histórias através da escrita e essas histórias não são sobre coisas sem importância ou somente narrações simples, mas apresentam os sentimentos, as experiências e as memórias

que são expressas na escrita de cada livro. O leitor, ao ler esses livros literários, se identifica com essas histórias e entende que sua experiência de vida é parecida com a do livro. É possível entender que apesar das diversidades de experiências, algumas são parecidas.

A literatura brasileira possui essas histórias, são várias narrações com imagens que estimulam a imaginação, mas que além disso também transmitem mensagens muito fortes. Os três porquinhos é um exemplo clássico que é muito conhecido, na narração o lobo procura devorar os porquinhos que ficam bastante assustados e precisam tomar cuidado. Essa é a história que é contada para as crianças, mas o conselho para elas é que tomem cuidado com as pessoas que podem ser maldosas e que tentem prejudicar os pequenos. Há muitas histórias infantis brasileiras que possuem diversas realidades de crianças que sofrem perdas, angústias e tristeza.

Na Literatura Surda é importante que sejam publicados mais livros infantis com imagens, que estimulem a imaginação, mas que transmitam a mensagem principal para as crianças sobre a verdadeira história de vida dos surdos. A Literatura Surda retrata a cultura e identidade surda, desse grupo que vivenciou muitos sofrimentos e hoje escreve e publica essas experiências de vida em vários livros.

1.4. A Literatura Surda na formação do sujeito surdo

Com a Literatura Surda “[...] transmite-se significados conectados em nossas mãos sinalizantes, representados no rico sistema linguístico de surdos de todas as idades e presentes nas moradas das gerações do povo surdo” (Mourão, 2016, p. 33). Para o autor Cláudio Mourão, as Mãos Literárias são uma arte de sinalizar e produzir efeitos. A expressão é feita a partir de narrativas, contos, fábulas e histórias sinalizadas que refletem novos sentidos.

A Literatura Surda contribui para que a pessoa surda se desenvolva como sujeito surdo, pois por meio dela os surdos podem ter acesso às memórias de seu povo, além de conhecer a língua de sinais e sua importância. Por esse motivo, Azevedo (2006):

[...] fala da importância da qualidade na literatura, nomeadamente no que concerne à forma como é contada, como é transmitida, à forma como está estruturada, à estética expressa numa história, conto, poema ou relato. Sem essa arte, a literatura fica empobrecida e o desenvolvimento da criança pode sair prejudicado (Azevedo, 2006, apud Morgado, 2011, p. 154).

A Literatura Surda apresenta várias experiências e histórias compartilhadas com o povo

surdo. Elas são importantes e apresentam muitos conhecimentos contribuindo com a pessoa surda apresentando a língua, a identidade e a cultura. Aspectos fundamentais para a formação humana em toda a sua complexidade, desse modo, assim como a criança ouvinte,

A criança surda necessita de professores surdos usuários naturais de língua de sinais e cultura própria em seu processo de construção de identidade e educacional. O imaginado é que os sujeitos surdos tenham contato com os outros surdos que constituem o povo surdo, no qual acontece o seu desenvolvimento como sujeito diferente, sendo um centro de encontro com o semelhante para que desenvolva sua identidade cultural; por isso eles defendem a importância de termos escola de surdos (Strobel, 2009a, p. 117-118).

Em outras palavras, o sujeito surdo aprende com o contato, é necessário que compreenda que ele não é diferente em seus aspectos cognitivos, sendo assim, faz-se importante a troca com outros sujeitos surdos, precisa dessa convivência em um constante exercício de alteridade. Essa consciência foi a que apresentou Keli Krause (2018), por exemplo, em seu relato sobre sua experiência como surda em família ouvinte. Em suas palavras, afirma que:

Minha mãe dedicou parte da sua vida ao surdo. Trabalhou proferindo palestras, aulas, oficinas, workshops sempre discutindo questões relacionadas à família, aos surdos, ao diagnóstico, a medicação, a relação pais e filhos, pois além da formação acadêmica, ela tinha uma experiência relevante na família, conhecia a identidade cultural surda e a Libras (Krause, 2018, p. 192).

Logo, sua mãe teve a clareza de que necessitava de ajuda para poder integrar a filha na vida social, consciência que muitos pais não tem, até mesmo por não ter conhecimento sobre a Libras, por isso acabam não estimulando a criança para a aquisição da língua de sinais, ou não ensinam de modo adequado, e, muitas vezes, não dialogam. Diferente do que fez a mãe de Keli Krause, que buscou apoio. Segundo Keli Krause (2018),

[Eu] Compreendia meus colegas, pois sentiam sua família desestimulada, havia desinteresse em aprender a Língua de Sinais, gerando a limitação de comunicação e desentendimento. Para estes, infelizmente, a escola para surdos era a única possibilidade de aprender. E o exemplo da minha mãe e eu era a idealização da comunicação possível através da Libras. Eu tive sorte, pois meus pais sabem Libras e me ensinaram a ter empatia com os outros surdos (Krause, 2018, p. 193).

Daniel Lopes também relata sua experiência como surdo em família ouvinte:

Sou feliz porque tenho pais e família que me acolheram e sempre me apoiaram, tanto me dando suporte com a Língua Portuguesa quanto aceitando

a Libras como minha primeira língua. Assim, sempre tive a sorte de contar com eles para viabilizarem e facilitarem a minha comunicação frente a outras pessoas que não soubessem Libras. Eu também sou muito orgulhoso deles, que superaram as dificuldades comigo, desde que eu era criança e aprenderam Libras (Romeu, 2018, p. 82).

É raro os pais terem interesse em aprender Libras, mas é muito importante a relação da família apoiando as crianças surdas. Quanto à escola, seria preciso que organizassem novas disciplinas que valorizassem as culturas e vivências. Se os surdos têm contato com a língua de sinais desde cedo, por exemplo, eles podem se sentir como as outras crianças, podem fazer perguntas e obter respostas, ou seja, a curiosidade da criança surda será satisfeita muitas vezes e terá maior acesso às informações.

Esse contato da criança surda com adultos surdos, através de uma língua em comum, que é a língua de sinais, é que proporcionará o acesso à linguagem e, desta forma, assegurará a identidade e a cultura surda, que são transmitidas naturalmente à criança surda em contato com a comunidade surda (Strobel, 2009a, p. 43-44).

Nesse sentido, as famílias precisam estar atentas diante dessas necessidades junto aos filhos surdos, acompanhando-os, cobrando as autoridades e os estabelecimentos públicos, buscando sempre garantir os direitos da pessoa surda e a dignidade humana, desde cedo, garantindo a transição ao mundo surdo. Vale ressaltar que “[...] ser surdo não é um preconceito, mas uma diferença pela qual a família deve se inteirar. Não é um mundo inferior, tampouco se compara com o mundo ouvinte” (Perlin, 2018, p. 168).

A surdez não precisa ser vista com preconceito, e sim como uma diferença que a família precisa compreender. Os ouvintes estão acostumados ao seu padrão ouvinte. Porém eles precisam entender que os surdos não vivem em um mundo inferior em comparação ao mundo ouvinte, mas que possuem identidade própria que precisa ser respeitada, assim como a língua de sinais valorizada.

Na comunidade surda, há surdos e ouvintes que compartilham vivências e experiências e, a partir da convivência na cultura surda, os membros se identificam como surdos e compartilham as crenças e os valores do povo surdo.

Nessa perspectiva, conforme Padden e Humphries (2000) apud Strobel (2009a, p. 33), “[...] na comunidade surda também pode haver sujeitos surdos e ouvintes. Já os membros de uma cultura surda comportam-se como sujeitos surdos e compartilham das crenças de sujeitos surdos entre si, sendo estes membros pertencentes ao povo surdo”. Acrescentam ainda que os surdos possuem uma percepção de mundo de forma visual, enquanto ouvintes percebem o

mundo pela audição, resultando em diferentes percepções visuais e auditivas. “Pode haver interpretações diferentes de uma mesma situação, dos sujeitos surdos e ouvintes; os sujeitos surdos interpretam visualmente, enquanto os sujeitos ouvintes estão mais voltados para a audição” (Padden e Humphries, 2000, p. 22 apud Strobel, 2009a, p. 44).

A cultura surda reflete a forma como os surdos percebem e transformam o mundo. Os surdos tem níveis diferentes uns dos outros. Aqueles que são mais fluentes em Libras, conseguem transmitir conhecimentos, baseada em percepções visuais, identidade, língua, crenças e costumes do povo surdo de maneira acessível.

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das "almas" das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (Strobel, 2009a, p. 27).

No relato de Gisele Maciel Monteiro Rangel, presente no livro *Família sem libras: até quando?* (2018), ela descreve como foi o seu aprendizado da Libras e como isso mudou sua vida:

No início, aquela forma de comunicação dos surdos não me dizia nada, pois eu convivia no mundo dos ouvintes. Quando comecei a usar a Libras, comecei a ser outra pessoa, a conhecer o mundo, a entender os significados das palavras. Entusiasmei-me com Libras e não parei mais. Saía da casa dos meus pais pelo prazer de usar a Libras e estar com os surdos, viajava com eles pelo prazer de trocar informações em Libras. Certa vez, eu convidei muitos surdos para visitar minha casa a fim de batermos papo em Libras (Rangel, 2018, p. 142).

Desse modo, fica mais fácil compreender com a descrição da Gisele Rangel o quanto o aprendizado da língua foi fundamental para a sua inserção na cultura surda e na sociedade, o que contribui com a interação com outros.

Já para Perlin, [...] A importância do professor surdo dentro de sala de aula atuando em língua de sinais se dá a partir da identidade e do acesso ao conhecimento. Em termos pedagógicos, o professor surdo em sala de aula é muito importante, porque quando a criança surda mira o professor surdo, ela se sente refletida nesse professor, ela sabe que, se esse professor chegou lá, ela também pode chegar. Com relação ao professor ouvinte, a criança surda tem uma grande dificuldade de se identificar numa perspectiva de futuro. Então essa criança se sente excluída no processo de formação de sua própria identidade. O professor de surdo pode ser o modelo de como nós, surdos, precisamos ser, em termos linguísticos e culturais (Romário; Doziart, 2016, p. 287).

Escola e família possuem papéis diferentes na educação das crianças surdas. É necessário entender como o desenvolvimento social e pessoal e a interação ocorre nesses dois espaços que são diferentes. O professor surdo tem o papel de ensinar aos seus alunos a usar a língua de sinais, o modelo linguístico e a cultura surda que irá contribuir para construção da identidade da criança surda e no desenvolvimento do seu conhecimento. Assim os alunos terão uma melhor percepção do futuro. Já a família tem o papel de educar e ensinar os comportamentos sociais e privados.

A família é a primeira educadora dos filhos. A escola é um lugar de socialização onde a criança inicia as primeiras relações de amizades e interações com diferentes culturas e classes sociais. Família e escola devem caminhar juntos, pois o bom, relacionamento e a integração que ambos apresentam influenciam nas representações que a criança faz de si própria e do mundo que a cerca (Krause, 2018, p. 187).

A interação da família e escola é tão importante para a formação das crianças, assim como a aquisição da língua de sinais contribui como processo de subjetivação do sujeito surdo. Ao reconhecer a diferença cultural do povo surdo, de perceber a Literatura Surda através do reconhecimento das diferentes identidades surdas, suas histórias, suas subjetividades, e sua língua, as pessoas estarão valorizando a Literatura Surda e contribuindo com a imaginação.

Karin Strobel, pedagoga e pesquisadora Surda, em seu livro *As imagens do outro sobre a cultura surda*, que história é essa que não pode ser acessada diretamente dos discursos dos Surdos que as viveram? A busca por mais informações evidencia barreiras linguísticas em relação ao registro e ao acesso aos documentos históricos geradas pelas memórias dos Surdos que viveram certos movimentos e participaram ativamente da fundação das escolas de surdos e da Associação da região. Estamos falando de uma Comunidade Surda específica, um grupo regionalizado de pessoas, mas, conforme a autora aponta, essa questão não é uma realidade regional (Pavan, 2020, p. 12).

Há uma dificuldade em ter acesso direto às histórias dos povos surdos. Isso acontece pelas barreiras linguísticas e pela falta de registro do período que não era possível registrar essas memórias e também pela falta de acesso a documentos históricos. Essas memórias que deveriam ser o básico para compreender os movimentos surdos e a comunidade surda, muitas vezes são separados ou perdidos e alguns nem sempre representam fielmente a experiência da comunidade surda que não é única no Brasil. Cada região tem a sua comunidade surda e as histórias contadas em sua língua própria devem ser valorizadas e repassadas adiante para a próxima geração de povos surdos.

As comunidades surdas no Brasil têm uma longa história. O povo surdo brasileiro deixou muitas tradições e histórias em suas organizações das comunidades surdas, que [...] iniciou diante de uma necessidade de povos surdos terem um espaço ao se unirem e resistirem contra as práticas ouvintistas que não respeitavam a cultura deles (Strobel, 2009b, p. 29).

Sousa (2019, p. 25) esclarece que, “Dentre diversos subgêneros textuais que compõem o gênero autobiográfico, a saber as memórias, confissões, relatos pessoais, diários, entre tantos outros, está a escrita de si (escrita intimista)”.

Portanto, a partir desse alerta apresentado acima por Strobel e exposto pelo professor Marcio Jean acerca dos gêneros autobiográficos, é possível perceber o quanto são importantes as organizações e associações de surdos, assim como também o registro de suas experiências. É nesse sentido que a Literatura tem um importante papel, ao registrar os seus costumes, histórias e tradições que, certamente, permitirão que se perpetue suas memórias para as gerações futuras.

CAPÍTULO 2

MEMÓRIAS: GERAÇÕES DOS POVOS SURDOS

Neste capítulo, será discutida a importância das memórias da geração dos povos surdos para a comunidade surda como forma de resistência cultural e preservação da identidade. A partir da análise das vivências e relatos presentes na obra *Família sem Libras: até quando?* (2018), serão exploradas as experiências da família, tem pouca pesquisa sobre o assunto família de pessoa surda, também não há registros de toda a história dos surdos e relatos de vida surdos. As dificuldades enfrentadas diante do desconhecimento, bem como as estratégias de afirmação da identidade surda. O capítulo também abordará como as memórias contribuem para o reconhecimento da cultura surda e a valorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no contexto familiar e social, destacando a importância do registro dessas histórias para com reflexões teóricas no livro, e apresenta também o objetivo pessoal da leitura sobre a família, memória e experiências vividas no passado. Neste capítulo também aparecerá as contribuições de fala autores Le Goff (2003), Karin Strobel (2009B), Shirley Vilhalva (2004), Emmanuelle Laborit (2000), Helen Keller (1903) entre outras. Por meio de relatos, autobiografias e experiências registradas por autores surdos nesta área, será possível refletir sobre o papel essencial que a memória exerce na transmissão de conhecimentos, na formação da subjetividade e na manutenção das tradições surdas em um contexto histórico.

2.1. Memórias como instrumento de resistência da comunidade surda

As memórias são ferramentas importantes para as comunidades, assim como também para a comunidade surda, pois elas são garantias de que a comunidade poderá transmitir suas vivências para as próximas gerações, visto que, como já foi apresentado anteriormente, já houve momentos históricos em que se tentou “destruir” a comunidade surda pela imposição do oralismo, por exemplo. Desse modo, as memórias são capazes de trazer histórias do povo surdo que, muitas vezes, apenas são transmitidas de geração para geração, como elementos da tradição surda sem que registros tenham sido produzidos.

Nesse sentido, o que se tenta, nas últimas décadas, é registrar, das mais diversas formas, pelos mais diversos mecanismos, essas tradições para que possam ser divulgadas e conhecidas tanto pela comunidade surda quanto pelos ouvintes. Fazendo uma analogia com o apagamento da história dos indígenas e dos negros, Karin Strobel (2009b) afirma que:

As Informações históricas relativas a fatos como a chegada dos portugueses ao Brasil ou a abolição da escravidão são de fácil acesso em documentos. Nesses registros, no entanto, só se encontram versões oficiais. Existem muitas outras fontes importantes omitidas, no entanto, o que pensavam os índios e os escravos nesses momentos históricos? São poucos os documentos que trazem a “voz” desses dois grupos (Strobel, 2009b, s.p.).

Karin Strobel faz essa reflexão da história, pois as pessoas buscam pesquisar e ensinar o que aconteceu. Nesse período, entretanto, há um problema com as versões da história. Só muito recentemente percebe-se a importância desses outros grupos sociais para a constituição da história da nação brasileira, tais como as comunidades indígenas e a de ex-escravizados que, também, marcam a História e a Literatura, e também a comunidade surda. Afinal, onde estavam os surdos nesse período? Isso é algo a se refletir, mas que esse espaço seria insuficiente para se tentar responder a esse questionamento, ficando para uma outra oportunidade. Mas ainda sobre essa questão, Strobel afirma que há poucos registros, ou poucos foram encontrados.

Para as pessoas surdas também não há registros de toda a história. Um exemplo são as várias vertentes em relação a Dom Pedro trazer um professor surdo, chamado Ernest Huet, para o Brasil para ensinar alguém de sua família que era surdo, só não se sabe se era uma irmã, filho ou esposa surda. Esse assunto até hoje é bastante polêmico. Isso porque não há registros consistentes que provem esse acontecimento passado, de fato, sabe-se apenas que o professor Huet, realmente, veio ao Brasil a pedido de Dom Pedro e que desenvolveu um bom trabalho por aqui. Outro fato é que não há registro de qual escola Huet frequentou na França, bilíngue ou não, ou particular. Nada se sabe oficialmente.

Desse modo, percebe-se que os mecanismos das memórias e o registro da história são muito importantes. A ausência de preocupação em registrar as manifestações culturais dos povos surdos no passado recebem, muitas vezes, várias justificativas, incluindo a de que os surdos não conseguem expressar suas narrativas por falta de uma efetiva educação formal, outras porque eles não teriam vontade de escrever sobre suas vidas. Mas, como dito anteriormente, ainda que a justificativa da falta de vontade de escrever fosse autêntica, nem todo registro precisaria ser, necessariamente, escrito, há e havia diversas outras formas de registro, como o iconográfico, por exemplo.

Esses elementos são fundamentais para se pensar as mais diversas formas de representações culturais, como afirma Le Goff (2003, p. 390): “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora atrasada, ora adiantada”. Desse modo, segundo Le Goff, as memórias

são fundamentais para a manutenção da história e para a preservação da cultura, assim como para promover reflexões às próximas gerações.

Em outras palavras e dialogando com essa perspectiva,

[...] as memórias buscam retratar a reestruturação de acontecimentos relacionados à vida do memorialista, demonstrando aspectos inerentes ao contexto em que as ações foram vividas e contadas, por isso o “flagrante social”, além de ser como objetivo prestar um serviço aos leitores vindouros (Sousa, 2019, p. 22).

Shirley Vilhalva, por exemplo, em seu livro *Despertar do Silêncio* (2004), em uma narrativa em primeira pessoa, a qual se identifica como autor-personagem, apresenta relatos sobre suas experiências como mulher surda e também explica sobre quando era criança e passou pela fase de aprendizagem e desenvolvimento, além de relatar sua experiência na época de escola e como a sociedade influenciou o seu comportamento, sentimento e entender-se como sujeito.

Eu tive um renascer ao estar na comunidade surda, aquele sentimento de estar só no mundo acabou e o medo das pessoas foi diminuindo e assim através da Língua de Sinais eu comecei a entender os significados dos sentimentos, das coisas, das pessoas, das ações e muito mais das palavras. Eu comecei a viver realmente como as demais pessoas e entender o porquê de minha existência, tudo ficou melhor quando eu descobri e tive a compreensão do que meu padrasto haviam e ensinado sobre encontrar um mundo melhor, procurando ser cada dia melhor e dizia ainda que “Quando eu soubesse viver em paz com a intimidade de minha alma eu poderia compartilhar com outras pessoas”, verdade, isso eu só encontrei quando entrei para o mundo totalmente visual-espacial na comunidade surda (Vilhalva, 2004, p. 37).

O flagrante social marcado pelo discurso de Vilhalva demonstra o desafio que vai além do descobrir-se surda, registra a esperança de estar melhor no mundo, o medo dá lugar ao entendimento, assim como a solidão cede seu lugar à consciência de que existe uma comunidade onde ela pode ser inserida, por isso afirma “Eu comecei a viver realmente como as demais pessoas e entender o porquê de minha existência”. E foi só a partir desse processo de subjetivação, ou seja, do autoconhecimento, que a narradora poderia ser capaz de compartilhar suas vivências com outras pessoas.

Além desse livro de Shirley Vilhalva, há ainda os livros de Emmanuelle Laborit, intitulado *O grito da Gaivota*, publicado no ano 2000, e de Hellen Keller (1880-1968), com a primeira edição de seu livro a *História de Minha Vida*, publicado em 1903. Ainda que a primeira

seja de uma escritora francesa surda, e a segunda seja norte-americana, seus livros tiveram, e ainda tem, um papel muito importante para a comunidade surda brasileira.

No livro de Emmanuelle Laborit, há uma apresentação de sua história. Ela que nasceu surda em uma família de ouvintes, sofreu muitas dificuldades de comunicação quando criança, porém se destacou e se tornou uma atriz e escritora reconhecida e referência para outros surdos. Emmanuelle apresenta diversas reflexões em seu livro e uma delas é sobre as dificuldades de crescer em um mundo que muitas vezes não aceita a surdez. Além disso, defende a surdez como uma diferença de cultura e identidade e não a vê como uma deficiência.

Emmanuelle fala sobre a importância de haver espaços para os surdos comunicarem em sua própria língua, sem a obrigação de se adaptar ao modelo de comunicação oral dos ouvintes. Seu processo de subjetivação inicia quando a autora descobre a Língua de Sinais Francesa e passa a se comunicar de maneira plena e também desenvolve a construção de sua identidade surda. É a partir desse momento que ela passou a lutar pela valorização e divulgação da língua de sinais para que os surdos fossem inseridos na sociedade. Por esse motivo, Laborit é uma referência de resistência e afirmação da identidade surda por incentivar o reconhecimento e respeito com as diferenças e o seu livro *O Grito da Gaivota* (2000) descreve bem as questões sobre a resistência, sobre a construção da identidade e principalmente sobre a importância da comunicação na constituição da subjetividade das pessoas surdas.

Já a autobiografia de Helen Keller, que foi uma escritora e ativista surda e cega, apresenta as memórias de sua infância e juventude no processo de aprendizagem e superação, assim como a importância de sua família, de suas experiências e relações pessoais para construção de sua subjetividade. Helen nasceu em 1880, nos Estados Unidos, e perdeu a visão e a audição aos 19 meses de idade por causa de uma doença. Por falta da comunicação, ela sofreu com o isolamento e a frustração durante seus primeiros anos de vida até conhecer a sua professora Anne Sullivan.

Apesar do apoio da família que proporcionou um ambiente afetuoso, o que foi fundamental para a sua formação, antes de desenvolver a comunicação, Keller se sentia frustrada e não conseguia expressar seus desejos e emoções. Ela só conseguiu desenvolver a sua subjetividade a partir do momento que adquiriu sua língua e o desenvolvimento da linguagem contribuiu para marcar a construção de sua identidade, o que proporcionou a compreensão do mundo e da sua própria existência. Com o amor e apoio da família, ela aprendeu Braille e leitura labial tátil. Isso contribuiu para que Helen Keller, uma mulher forte, autônoma e influente, se tornasse a primeira pessoa surda e cega a se formar em uma

universidade, além de também se tornar uma grande defensora dos direitos da pessoa com deficiência.

Isso é o que pode ser notado, também, por exemplo, no livro *Família sem Libras: até quando?* (2018). Esse é um livro que apresenta em cada capítulo as diferenças, experiências, memórias e impressões das histórias de vida de cada um dos participantes. Tem relatos que acompanham as histórias de pessoas da comunidade surda, a saber, surdos, ouvintes, pais ouvintes com reflexões teóricas e memorialística no livro, e apresenta também o objetivo pessoal da leitura sobre a família, memória e experiências vividas no passado. Como pode ser notado na leitura deste livro, a família, em geral, fica angustiada ao descobrir que o filho é surdo, mas os relatos presentes nele ajudam a entender e refletir sobre esta realidade porque expressa várias experiências.

Poucos livros tratam do assunto da família ou apresentam de forma resumida e simples. Mas este é organizado totalmente por relatos sobre a vida dos surdos. Os textos dos capítulos são do gênero memórias. Sobre essa obra e sua importância, será dado destaque no próximo capítulo.

2.2. Processos de subjetivação e a experiência surda

Como visto no item anterior, as memórias são aliadas ao processo de construção de uma sociedade, de uma nação ou de um grupo social. Assim também, as memórias e ou a escrita delas contribuem, como um instrumento, para os processos de subjetivação do indivíduo.

Falar sobre processos de subjetivação significa falar sobre como o indivíduo se constrói identitariamente no decorrer da vida, ou seja, quais são os elementos externos que ajudam a formar a personalidade e a identidade do sujeito. No livro *Família sem Libras: até quando?*, diversos autores surdos compartilham suas experiências, demonstrando que cada sujeito tem um caminho diferente para a construção da sua identidade. Cada pessoa busca descobrir sua língua, sua cultura, seu pertencimento e inicia, assim, o processo de subjetivação a partir de sua vivência com a comunidade surda.

A autora Ana Paula Gomes Lara narra como foi esse processo em sua vida. Ela relata que, no início, sentia-se perdida, sem conseguir se expressar plenamente. Até que encontrou uma pessoa surda e, nesse encontro, sentiu-se acolhida e fortalecida em sua identidade.

Foi a escola Frei Pacífico que comecei a construir minha identidade surda. Era um momento muito importante da minha vida, o encontro surdo-surdo com o

qual senti ligação forte e queria comunicação com as crianças surdas em Libras, aquilo era a minha língua! Naquele ano de 1998, eu participei da entrevista da pesquisadora surda Perlin e ela identificou como sendo minha identidade: surda. Eu sinalizei para ela e ela registrou: aquilo no momento do meu encontro com os outros surdos era igual o que queria, tinha comunicação que eu queria. Aquilo que os identificava, identificava a mim também e fazia ser eu mesma, igual. (Perlin, 1998 p.54 apud Lara, 2018, p.24)

O encontro com o outro surdo, portanto, representa um marco profundo no processo de subjetivação. Esse processo pode ocorrer de diferentes maneiras: com ou sem ensino formal, com ou sem o uso imediato da Libras. O mais importante é o contato com a comunidade surda, que desperta a percepção de pertencimento e identidade. Esse processo de alteridade promove segurança ao indivíduo na medida em que se percebe entre os semelhantes. Nesse sentido, o autor Daniel Lopes Romeu compartilha sua experiência dizendo que: “Ali eu ensinei Libras aos outros dois surdos e os incentivei a usar a língua. (Romeu, 2018, p. 73). Já a autora Sonia T. Messerschmitt relata que adquiriu a Libras de maneira espontânea, pelo contato direto com outros surdos: “Ninguém me ensinou a línguas de Sinais, eu apenas fui tendo contato com os surdos e adquirindo a língua. Em 1 ano estava fluente e dominando a Língua de Sinais. (Messerschmidt, 2018, p. 274).

As experiências de Daniel e Sonia mostram que os processos de subjetivação são diversos e únicos. Cada sujeito surdo tem sua própria trajetória de percepção, descoberta e fortalecimento de sua identidade surda. O ponto comum entre esses relatos é a importância do encontro com a comunidade surda e o acesso à Libras como meio essencial para a construção da subjetividade.

A escrita de si, nesse processo, aparece não como um simples diário ou relato de vida, mas como uma prática de formação para a transformação do sujeito. A pessoa escreve sobre si e se compreender melhor como sujeito consciente de si, da sua história e da sua língua. Conforme afirma Michel Foucault, a escrita de si “atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; [...] escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha” (Foucault, 2009, p. 130-131).

Na escrita de si, o foco não é só contar a própria história, mas pode ser identificado como a escrita de outros gêneros textuais, como a escrita de diário, de memória, de carta pessoal, tendo a narrativa como forma de transformação pessoal, revelando-se como uma forma de cuidado de si, pois trata-se de um processo de reflexão que pode resultar na escrita. Nesse sentido e trazendo a questão para a realidade da comunidade surda, a escrita de si pode se revelar como registros que podem superar a escrita, como registros em vídeos, como acontecem nas

performances de Slam, ou em outros mecanismos que exerçam a mesma finalidade: registrar suas memórias e vivências. Em acréscimo a isso, e

Em auxílio a esse exercício de cuidado de si, estão as técnicas de si, a saber, a verbalização e a escrita de si. Além de resgatar toda uma discussão dos cuidados de si na antiguidade, Foucault avalia as práticas de reflexão e busca pela verdade para, enfim, sintetizar as formas específicas de verbalização, sendo eles o exame de consciência e os exercícios espirituais, a saber, o procedimento de provocação, o exame de consciência propriamente dito e a filtragem permanente das representações. (Azeredo, 2024, p- 523 2024).

No contexto da comunidade surda, a escrita de si torna-se uma ferramenta de resistência, de afirmação identitária e de constituição do sujeito, não é apenas relatar fatos. É um ato de resistência, pois muitas histórias da população surda existiram no passado, mas não foram registradas. Há pessoas surdas que têm trajetórias importantes, mas que não conseguiram escrever sobre suas vivências, seja por falta de acesso à língua de sinais escrita, seja pelas barreiras educacionais.

A escrita de si também é uma forma de afirmar e valorizar a identidade surda, mostrando que a surdez não é um problema ou uma deficiência, mas sim uma identidade cultural e linguística legítima. Além disso, trata-se de um processo de subjetivação, ou seja, de construção de si mesmo como sujeito consciente, autônomo e capaz de se posicionar diante do mundo.

O livro *Família sem Libras: até quando?* Apresenta vários relatos de sujeitos surdos que, ao escreverem sobre suas experiências de vida, constroem sentidos sobre si mesmos, sobre sua língua e sobre sua inserção social. Essas narrativas não são apenas registros autobiográficos, mas práticas de subjetivação, nas quais o sujeito surdo se posiciona politicamente diante das marcas históricas do ouvintismo, do silenciamento e da negação da Libras em seu cotidiano.

Comecei a sentir algo bom, finalmente estava encontrando o meu lugar no mundo, entendendo a minha identidade como sujeito surdo. Uma pessoa ouvinte, mesmo com todas as leituras e por mais empática que seja, não saberá de fato o que é este sentimento: adquirir e reconhecer a minha língua materna, a Língua de Sinais. (Campos, 2018, p. 128).

Tais práticas de escrita e memória se alinham ao que Foucault denomina de “cuidado de si”, pois ao narrar suas dores, descobertas e resistências, os surdos transformam o próprio

discurso em instrumento de visibilidade, elaboração ética e construção de si. A linguagem, neste sentido, não é apenas expressão, mas condição de existência.

Em síntese, o capítulo demonstrou que as memórias da comunidade surda são fundamentais para a preservação da identidade, para o fortalecimento cultural e para a resistência ao apagamento histórico. Por meio dos relatos e escritos analisados, evidenciou-se que a memória não apenas resgata experiências, mas também constitui processos de subjetivação e de afirmação da diferença surda. Assim, registrar e valorizar essas narrativas significa garantir a continuidade das tradições, a visibilidade da Libras e o reconhecimento da comunidade surda como parte essencial da história e da sociedade.

CAPÍTULO 3

O DISCURSO DAS MEMÓRIAS NO LIVRO *FAMÍLIA SEM LIBRAS: ATÉ QUANDO?*

O presente capítulo tem como objetivo analisar os discursos memorialísticos presentes no livro *Família sem Libras: até quando?* (2018), escritos por Daniel Lopes, Esmeralda Stelling e Elis Gorett. A partir dos relatos apresentados pelos autores, será discutida a importância da Libras como elemento essencial para a construção de uma comunicação eficaz entre pessoas surdas e seus familiares.

Desse modo, propõe-se refletir sobre as experiências vividas pelas famílias que, ao desconhecerem a Libras, enfrentam barreiras na convivência e no fortalecimento dos laços afetivos com seus membros surdos. Além disso, serão abordadas questões relacionadas à identidade surda, à inclusão e à valorização da cultura surda, evidenciando como a falta do acesso à língua de sinais impacta diretamente na trajetória educacional, social e emocional dessas famílias.

3.1 – Caracterização da obra: *Família sem libras: até quando?*

Publicado no ano de 2018, o livro *Família sem libras: até quando?* foco desta pesquisa, apresenta relatos de pessoas da comunidade surda. Essa coletânea é composta por quinze capítulos, intitulados na seguinte ordem:

Minha História de Vida: Identidade e Libras, escrito por Ana Paula Gomes Lara. Neste capítulo, a autora apresenta um relato sobre parte da sua história na família, na escola, na formação e no trabalho que ela tem realizado com a Comunidade Alegretense em sua atividade como professora surda.

Da Oralização para uso das mãos como ferramenta de comunicação e expressão, escrito, por Carla Beatriz Medeiros Klein. Neste capítulo, Carla, uma docente surda oralizada, relata como percebeu diferentes histórias de vida envolvendo o uso de duas línguas — a Libras e o português — no contexto familiar, seja ouvinte ou surdo. Na prática, ela reflete sobre como isso influencia a comunicação e o desenvolvimento do pensamento.

O nascimento de uma mãe, escrito por Claudia Espindola; Cleusa Inês Ziesmann; Jeize de Fátima Batista. É relatada a história de Jullie, filha surda. A mãe compartilha como nasceu,

despertou, para a maternidade a partir da vivência com a filha, destacando a luta, a força e a busca por compreensão. Ela percebeu que, antes de tudo, era preciso entender o espaço da criança surda dentro do contexto familiar, enfrentando e superando diversas dificuldades.

Minha história: minha vida!, escrito por Daniel Lopes Romeu. Neste capítulo, o autor compartilha como seus pais enfrentaram os desafios da vida em família e o incentivou desde cedo. Ele relata que a história de lutas vividas por surdos o motivou a buscar oportunidades tanto na vida profissional quanto na vida social, por meio de atividades que fortalecem sua identidade e superação.

A Libras na família de uma mãe-professora, escrito por Esmeralda Stelling, a autora (mãe e professora ouvinte) relata sua experiência ao conviver com seu filho surdo. Ela descreve como vivenciou a Libras em dois ambientes: no contexto familiar, sendo ouvinte com um filho surdo, e também na escola, trabalhando com alunos surdos. O capítulo aborda os desafios enfrentados na comunicação com a família e a escola, principalmente devido à ausência da Libras. A autora também compartilha momentos vividos em diferentes períodos, marcados por filosofias educacionais como o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

Pelo direito de viver com minha língua: Libras um divisor de águas, por escrito Elis Gorett da Silveira Lemos. Neste capítulo, Gorett reflete sobre os desafios vividos em sua infância como menina surda. Ela relata ter enfrentado segregação, distanciamento social e a ausência da Língua de Sinais, o que a colocou em situação de risco tanto para a saúde quanto para sua vida social. Com o tempo, ao descobrir a Libras, passou a se sentir respeitada em sua condição linguística e social. A partir disso, conquistou seu espaço, reconhecendo-se como sujeito surdo com direito à inclusão e à dignidade.

O reconhecimento da língua materna: Dificuldades do sujeito surdo em um ambiente ouvinte, escrito por Giovana Cristina Dutra de Campos. Neste capítulo, relata sua própria trajetória. Ela nasceu surda, devido à rubéola contraída com dois meses de idade. Seus pais ficaram preocupados com o futuro e o desenvolvimento dela, especialmente em relação à aprendizagem. Seu pai iniciou uma busca por informações, lutando para encontrar uma escola especializada, até que descobriu a Libras. No entanto, sendo ouvintes, seus familiares sempre dependeram da escrita e da oralização — e não da Libras. A autora, então, passa a refletir sobre a importância da língua materna para o sujeito surdo. O capítulo discute, principalmente, os desafios enfrentados por um sujeito surdo em um ambiente ouvinte.

Eu sou Gisele! Eu sou surda!, escrito por Gisele Maciel Monteiro Rangel. Neste capítulo,

compartilha sua experiência como pessoa surda que passou pelo processo de oralização. Ela relata as dificuldades enfrentadas para narrar sua própria vida e destaca o papel do apoio familiar. O capítulo enfatiza a importância da valorização da família na educação do filho surdo, mostrando como o incentivo, o ensino e o uso da Libras são fundamentais para garantir uma comunicação efetiva e respeitosa com a criança surda.

Minha história de vida surda, escrito por Gladis Perlin é uma pessoa conhecida Gladis Perlin. Em sua trajetória, relata os desafios enfrentados na infância, na escola e na vida familiar, em um contexto em que não conhecia a Língua de Sinais, o que dificultava sua convivência diária. O capítulo também mostra como ela passou pelo processo de aprendizagem da fala oralização e da escrita em português. Ao longo do texto, diversas histórias revelam suas reflexões e buscas pela língua, pela cultura e pela construção da identidade surda.

A inclusão em sua plenitude: A relação entre filhos ouvintes e pais surdos, escrito por Josiane Roberta Krebs; Cleusa Inês Ziesmann. Neste capítulo, as autoras refletem sobre a importância do uso da Libras no ambiente familiar de pessoas surdas. O texto destaca como ocorre o desenvolvimento linguístico em famílias formadas por pais surdos e filhos ouvintes, a convivência com duas línguas: Libras e português. Os pais surdos, ao se comunicarem em sua língua natural, contribuem para que os filhos ouvintes cresçam em um ambiente bilíngue, promovendo respeito, identidade e inclusão dentro da própria família

O brilho das mãos na comunicação, escrito por Keli Krause. Neste capítulo, relatam-se as dificuldades e barreiras enfrentadas pela criança surda. Destacam-se a luta dos pais e o processo educativo dos filhos, considerando o ambiente familiar e escolar, bem como a trajetória educacional e emocional da criança enquanto pessoa surda. Aborda-se também o impacto do desenvolvimento da Libras em sua vida, que marca o início de sua trajetória acadêmica e profissional.

Lutas e Vitórias: A Libras em minha vida!, escrito por Marcella Lucia Pavéglia Romeu. Uma mulher surda que enfrentou diversos desafios desde a infância, como a separação dos pais em decorrência de sua surdez. Criada pela mãe e com o apoio da família materna, Marcella desenvolveu-se com incentivo à educação e à comunicação por gestos. Mesmo com dificuldades iniciais de acesso à Libras, a descoberta da língua de sinais representou um marco em sua vida, fortalecendo sua identidade surda e sua inserção na comunidade. A autora relata como a Libras foi essencial para sua formação pessoal, acadêmica e profissional, culminando em sua atuação como professora substituta na FURG.

Relato de vida e a Surdez: da aquisição linguística à profissionalização, escrito por Márcio Aurélio Friedrich, apresenta um relato em que a família sempre esteve presente, oferecendo apoio em toda a sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional. No capítulo, destaca sua luta para mostrar à sociedade – especialmente aos ouvintes – que a pessoa surda é capaz e que deve ser vista a partir de uma perspectiva cultural, respeitando as diferenças entre surdos e ouvintes. Márcio demonstra força e dedicação ao longo de sua vida escolar, universitária e nas relações sociais. Ele revela como seu conhecimento e desenvolvimento foram possíveis graças ao apoio incondicional da família, que sempre acreditou em seu potencial. O enfatiza que, sem esse apoio familiar, não teria conseguido desenvolver plenamente.

Família Bilíngue: uma história de amor e luta, escrito por Roseli Márcia Benati Krebs; Stefany Krebs; Sonize Lepke. Neste capítulo, é apresentada a história de uma família bilíngue, em que todos dominam a Língua de Sinais e se sentem mais confortáveis ao se comunicar com os dois filhos surdos, Jean e Stefany. Tanto a mãe quanto a filha ouvinte sabem se comunicar em Libras. A família descobriu por meio de um médico que o filho era surdo, com isso decidiram lutar pelos seus direitos e buscar o melhor caminho. Foi assim que conheceram a Língua de Sinais, o que transformou completamente a vida da família Bilíngue.

Criança surda e sem língua constituída, não é permitido!, escrito por Shirley Vilhalva; Mirian Lourdes Ferreira dos Santos Silva. Neste capítulo, inicia uma pesquisa em escolas e outros espaços para observar como muitas crianças surdas vivem sem acesso a uma língua. Elas destacam a necessidade urgente da constituição de uma língua desde a primeira infância. Registram historicamente o sofrimento de muitas crianças surdas que, por não terem acesso à Língua de Sinais, enfrentam grandes dificuldades para se desenvolver. Quando chegam à fase adulta, é muito mais difícil adquirir linguagem de forma plena. Shirley e Mirian defendem políticas públicas e práticas pedagógicas que garantam o acesso à Libras, valorizando a identidade e a cultura surda.

Minha vida: importância no movimento surdo, escrito por Sonia T. Messerschmidt. Neste capítulo, relata sua trajetória e as dificuldades que enfrentou desde a infância. Sem Libras e sem acesso à comunicação adequada, entrou na escola e logo encontrou uma grande barreira: o oralismo. Por causa disso, não conseguiu se desenvolver e precisou desistir da primeira escola. Na outra escola, que a comunicação também é feita através do oralismo, ela não conseguiu aprender, pois tudo era falado, continuou lutando e procurando uma escola de surdos, até que encontrou e se sentiu feliz. Com o tempo, tornou-se uma militante surda, lutou pelos

direitos da comunidade e conquistou muitos avanços, como a criação de escolas para surdos e a fundação de grupos e associações de surdos, ações políticas, educacionais e comunitárias voltadas à valorização da cultura surda. Ao longo da história, enfrentou muitas barreiras, mas conseguiu superá-las com esforço, luta e capacidade.

Cada um desses textos foram mostrando as experiências e o processo de desenvolvimento como sujeito surdo ou como pessoas que convivem na comunidade surda lidaram com a situação dos surdos que vivem ao seu redor. Em todos eles há o flagrante social, um momento histórico registrado como herança para a comunidade surda.

Este livro foi organizado por Cleusa Inês Ziesmann, Gladis Perlin, Shirley Vilhalva e Sonize Lepke. Essas organizadoras têm importante papel na comunidade surda brasileira e para a manutenção da cultura surda no país, visto o trabalho que desenvolvem na luta pelos surdos.

Figura 4: Família sem Libras: até quando?



Fonte: Ziesmann et al (2018).

Depois desta breve apresentação, segue a análise de textos escolhidos previamente, com o intuito de revelar, mais especificamente, experiências vividas pelos sujeitos surdos e como foram introduzidos ao contato com a língua de sinais e como esse processo contribuiu para a constituição de si como processo de subjetivação.

3.2 – Daniel Lopes Romeu: relação entre família e aquisição da língua de sinais

Daniel Lopes Romeu é gaúcho e nasceu surdo. A sua mãe foi anestesiada durante o parto,

que também foi a causa dele ter nascido surdo. Ao perceberem que seu filho era surdo, os pais ficaram preocupados e o levaram à fonoaudióloga para desenvolver melhor a fala. Quando Daniel tinha 3 anos foi matriculado em uma escola inclusiva, mas usava pouco a Libras, a professora que já trabalhava com as crianças surdas, utilizava mais a oralização.

A família acreditava que o melhor seria que ele fosse oralizado e usar o Implante Coclear (IC). Depois de anos, a mãe informou que ele estudaria em uma escola especial para os surdos, lá também era proibido o uso da língua de sinais, somente para forçar a oralização, porém ele não se sentia confortável. Depois tentou várias outras escolas, também as oralistas, mas não se adaptou aos métodos. Então, seu pai foi transferido para outro estado onde havia escola para os surdos. Ele achou que seria como as outras, apenas uso da oralização, mas ficou surpreso ao encontrar com vários surdos que usavam a Libras.

Daniel tinha 12 anos quando começou a aprender a Libras e os surdos o ajudaram muito. Mudou novamente, desta vez para o estado gaúcho e ele ficou na APAE onde tinha dois surdos. Daniel começou a ensinar estes surdos e incentivar o uso da Libras, porque quando esteve na escola dos surdos, recebeu um aprendizado da língua de sinais muito rápido, conviveu com várias comunidades surdas, associações, Federação Nacional de Educação e integração dos Surdos (FENEIS), entre outros. Ele passou por várias escolas e por experiências diferentes em cada uma delas, em umas era estimulado e em outras não. É importante salientar que a participação da família no desenvolvimento do surdo é relevante, depende da família se o filho será estimulado ou não.

Orgulhosos do meu progresso pessoal, meus pais pensavam em ajudar outros surdos e suas famílias a também progredirem socialmente e minimizar sofrimentos e limitações que nós enfrentamos. Se eu alcancei muitas vitórias, outros também podiam conseguir e a experiência deles valeria como modelo para conquistas maiores (Romeu, 2018, p. 75).

No relato escrito por Daniel Lopes Romeu, ao qual foi dado destaque, é apresentado ao leitor a experiência acerca de como o seu conhecimento da língua de sinais contribuiu significativamente para o seu próprio desenvolvimento pessoal. Vale lembrar que a língua de uma comunidade representa a sua identidade, seu modo de ser, pensar e se compreender como sujeito (Cf. Strobel, 2009a, p. 27), tanto que os processos de opressão, como os registrados pela história, os sistemas de ditadura e de colonização, por exemplo, passaram pela tentativa de cerceamento e apagamento da língua.

Ao retirar o direito à língua de uma comunidade, retira-se a possibilidade de comunicação interna e também diminui a força de luta dessas comunidades, ou seja, segundo Rajagopalan

(2003, p. 90), “as regras reguladoras [em relação às línguas] são formuladas e impostas sobre o resto da sociedade em nome de uma autoridade que nem sempre é universalmente aceita. Daí seu caráter arbitrário.”.

Passando para o relato de Daniel Lopes Romeu, ele afirma que:

Quando eu estava cursando o primeiro ano do Ensino Médio, meu pai teve problemas cardíacos que nos obrigaram a voltar para o Rio Grande e eu parei de estudar por um tempo. Depois de recobrar a saúde, meu pai entrou para a Associação de Pais e Amigos de Deficientes Auditivos, a APADA de Rio Grande (Romeu, 2018, p. 74).

Ele já havia percebido que foi a Libras que me proporcionou desenvolvimento pessoal e social, viu o quanto eu era mais feliz com a língua e quis ajudar outras famílias a se articularem de uma forma mais natural com seus filhos surdos (Dizeu; Caporali, 2005 apud Romeu, 2018, p. 74).

Como se lê no fragmento acima, as memórias apresentadas por Romeu são significativas, pois refletem o quanto sua aprendizagem acerca da Libras mudou sua vida, conforme afirma, “foi a Libras que [...] proporcionou desenvolvimento pessoal e social”. Nesse sentido, como já afirmara Le Goff (2003), o narrador torna-se senhor de suas memórias, assim também como de seu esquecimento, comandando e dominando suas próprias escolhas como condição para sua sobrevivência.

Romeu dá-se conta desse processo, percebe que descobrir, mesmo que tardiamente a Libras, fez com que se percebesse como pessoa, também com atraso, mas percebe sua identidade e sua cultura surda, “viu o quanto eu era mais feliz com a língua e quis ajudar outras famílias” (Dizeu; Caporali, 2005 apud Romeu, 2018, p. 74).

Conforme aponta Sousa (2019),

Nesse sentido, as manifestações culturais são expressas como reflexos de discussões acerca da identidade, dos saberes e das representações da comunidade surda, assim como suas lutas e conquistas em um constante exercício de alteridade de si para si e de si para o outro (Sousa, 2019, p. 87-88).

Ou seja, também para Romeu não bastou que ele se reconhecesse como sujeito surdo, ele viu nesse processo uma responsabilidade social. Entendeu que precisava mostrar para outras famílias o quanto essa descoberta foi boa para ele e que poderia ser também para os outros surdos, por isso “quis ajudar outras famílias a se articularem de uma forma mais natural com seus filhos surdos”. (Dizeu; Caporali, 2005 apud Romeu, 2018, p. 74).

A criança surda percebe e adquire linguagem de forma visual, mas não tem fluência na língua para ter uma identidade. A partir do momento em que ela começa a se relacionar com outros que têm as mesmas vivências, começa a se sentir como sujeito e a refletir. O contato com outros surdos contribui para entender-se e conseguir se expressar e desenvolver. Entende-se que as crianças que participam das ações nas comunidades surdas, fazem parte da cultura, porém aquelas que ficam presas em casa, permanecem limitadas, é uma outra história.

Daniel Lopes Romeu, nesse seu relato, deixa transparecer certos aspectos importantes do estudo da memória, ou seja, em seu discurso ele evoca, de forma metafórica, traços e problemas de memórias históricas e da memória social (cf Morin e Piattelli Palmarini, 1974 apud Le Goff, 2003, p. 388). Em outras palavras, ao mostrar que aprendeu sua língua natural tardiamente, revela quanto os processos históricos de proibição e privação da língua, como o já exposto Congresso de Milão, e outros movimentos políticos de proibição e privação de uma língua de comunidades menores, ainda marcam a história atual, de algum modo.

Em termos de memória social, o conhecimento da língua permite ensiná-la e valorizá-la e, desse modo, exercer influência social para outros surdos e famílias de surdos encorajando-os ao conhecimento. O cultivo da memória dos povos surdos, assim como sua divulgação, pode incentivar as famílias de pessoas surdas a compreenderem o valor do aprendizado da Libras, visto que, na maioria dos casos, o sujeito surdo nasce em famílias ouvintes.

Por meio da memória social que retrata os povos surdos, é possível ver suas trajetórias vivenciadas no passado e no presente e perceber muitas realizações deslumbrantes dos pioneiros da cultura surda. A história cultural de surdos é longa e complexa, existe há dezenas de milhares de anos.

Antigamente as pessoas contavam histórias, esse era um costume dos surdos que passavam suas histórias de geração para geração. Isso acontecia, “[...] justamente por falta de registros, porque por muitas gerações os povos surdos fazem narrativas não escritas de suas vidas, contam as tradições culturais que integraram em suas comunidades surdas através de língua de sinais” (Strobel, 2009b, s.p). Na realidade vivenciada pela sociedade hoje, falta ainda o incentivo da produção de literatura porque antes era difícil registrar as memórias, mas agora com as tecnologias é possível fazer esses registros.

No estudo histórico da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita, como também as fases de transição da oralidade à escrita “a que Jack Goody chama a domesticação do

pensamento selvagem” (Le Goff, 2003, p. 390).

O estudo da história e memória nas comunidades surdas estão divididas em evolução das línguas de sinais e da escrita da história.

3.3 – Esmeralda Stelling: mãe-professora ouvinte e a luta por seu filho surdo

Esmeralda Stelling é mãe e professora ouvinte, uma profissional da pedagogia que trabalhava em um momento importante da Educação de Surdos, no ano de 1969 aconteceu o nascimento do seu segundo filho, Alexandre, que nasceu surdo, prematuro. As condições de saúde dele não eram muito boas, pois apresentou uma grave infecção urinária, rins atrofiados e sepse. Esmeralda percebeu que havia algo muito sério com seu filho porque ele era distraído e também ficou três meses na UTI (Stelling, 2018).

Esmeralda fala um pouco sobre sua família. Ela tem uma nora surda, a Ailce Clara que casou com Alexandre, teve um filho único que é ouvinte, o Lucas. José Carlos, marido de Esmeralda, também é ouvinte. A família mora na mesma casa, há uma união entre esta família ouvinte e surda. Como professora e profissional há muito tempo ela relatou a história, pois percebeu diferença da Libras nos dois ambientes: na família ouvinte com filho surdo e na escola com alunos surdos. Ela faz uma reflexão para compreender a relação entre as famílias ouvinte, seus filhos surdos e a Libras (Stelling, 2018).

Alexandre tinha um comportamento estranho. O outro filho ouvinte queria conhecer o seu irmão que havia acabado de nascer e começou a gritar porque queria ver seu irmão e brincar com ele. Mas a mãe percebeu algo estranho porque o bebê não reagia ao grito do irmão e continuava dormindo, como ele era surdo, não sentia ou ouvia qualquer barulho. Além disso, também não tinha contato visual com ninguém. Esmeralda lutou por seu filho e procurou um médico para descobrir se ele era surdo ou não. Foram para São Paulo para fazer uma consulta com um audiólogo, que pediu um teste que é feito no ouvido do bebê que pode diagnosticar a surdez, e foi constatado que Alexandre era surdo. O médico aconselhou que Alexandre deveria usar um aparelho de amplificação sonora individual e também fazer terapia com fonoaudiólogo para que ele pudesse ouvir e falar (Stelling, 2018). Esmeralda relata:

Na realidade, eu não sabia nada sobre a surdez e sobre os surdos, nunca tinha conhecido um surdo pessoalmente, achava que o “surdo-mudo” era aquela

pessoa que não falava e só gesticulava como eu tinha ouvido dizer. Por minha desinformação, naquele momento tinha receio de que meu filho fosse ficar igual a um “surdo-mudo” (Stelling, 2018, p. 90).

As mães ouvintes ficam assustadas ao descobrir que seu filho nasceu surdo. Não são todas as mães que lutam por seus filhos e procuraram saber sobre a surdez. Elas querem que seus filhos desenvolvam a fala e audição. Na época que Esmeralda descobriu que seu filho era surdo não tinha muita informação e desenvolvimento da tecnologia, ela não aceitou no início e teve medo, mas aos poucos descobriu que a Libras era importante e o ajudaria desenvolver.

No geral, as mães ouvintes ficam muito angustiadas quando descobrem que os seus filhos são surdos, ficam preocupadas e tristes e começam a se sentir mal com essa situação e isso acontece em várias histórias vivenciadas por essas mães. A Esmeralda, ficou preocupada por seu filho ser surdo, mas ela se esforçou e procurou de várias formas ajudá-lo. É possível perceber, no seu relato, que ela lutou muito em busca disso.

Entretanto, a teoria mostra que muitas mães quando percebem que o filho é surdo, não conseguem vê-lo como uma pessoa normal e acham que ele é inferior ou incapaz, que tem um problema de audição e não se esforçam para ajudar essa criança. Falta informação, e por não ter conhecimento, o surdo fica em casa sem estímulo e sofre um atraso no desenvolvimento. E quando ele chega na escola enfrenta outros problemas por causa desses atrasos que ele teve.

O surdo de família ouvinte sofre esse tipo de atraso, mas há uma citação em relação aos surdos filhos de pais surdos. Conforme Esmeralda, “A mãe surda, em geral, não se importa que o filho nasça surdo porque a comunicação e a interação entre eles não terão bloqueios” (Stelling, 2018, p. 91). Sabe-se que nem todas as famílias surdas que nascem filhos surdos ficam felizes. Depende muito de cada mãe e cada pai surdo, alguns preferem ter filhos ouvintes, existem casos assim. O que acontece também é que pais e mães surdos podem preferir ter filhos surdos ou ter filhos ouvintes, isso depende muito da vida que esses surdos tiveram, das experiências que eles passaram. Alguns preferem ter filhos ouvintes, porque futuramente essa criança vai se desenvolver com poucas dificuldades, para evitar que precise estar sempre acompanhado de um intérprete, existem vários tipos de preferências.

A mãe ouvinte acredita que os pais surdos têm um relacionamento perfeito e uma ótima comunicação em sua língua e tem facilidade para ensinar, mas isso depende muito da mãe e do pai, alguns sabem a língua de sinais e conseguem influenciar seus filhos, mas outros não. Isso depende das vivências passadas desses pais, de suas histórias de vida, de como a língua de sinais foi passada para eles, se ela foi valorizada ou não, às vezes falta essa valorização e

existem alguns casos assim, a mãe imagina outra coisa.

Quando nasce uma criança surda, os pais ouvintes, em geral, ficam sem saber como agir, ou como lidar com a situação. Quando os pais são surdos, ao terem uma criança surda isso pode, teoricamente, não causar tanto espanto, de modo que ajam de forma natural. A escritora surda Shirley Vilhalva relata que quando nasceu sua filha ouvinte, as pessoas achavam que ela não fosse capaz de criá-la. Algumas pessoas surdas falavam que ela deveria doar sua filha ouvinte, deixar na casa da família para a avó cuidar, mas a Shirley não aceitou e disse que a filha era dela e ela que iria cuidar e estar junto em todo o desenvolvimento da criança. Conforme afirma em seu relato,

Eu sempre respondia que eu queria criar a minha filha e não queria repetir algo que meus amigos surdos fazem que é entregar os filhos para seus familiares criarem por que eles falam. Admiro os surdos que conseguiram criar seus filhos e educaram da maneira que acreditavam que seria certo sem influência de seus familiares ouvintes (Vilhalva, 2004, p. 54).

Com isso é possível perceber que os próprios surdos não acreditavam que ela fosse capaz de cuidar de um filho ouvinte por ela ser surda, sugerindo que ela deveria entregar para a família criar. Mesmo as pessoas achando a mãe surda não seja capaz de cuidar que um filho ouvinte, ela é sim capacitada para viver com seu filho e cuidar dele. E quando isso acontece, serve de exemplo para outras famílias que divulgam para outras e acaba se tornando um modelo a ser seguido na sociedade.

No livro *As imagens do outro sobre a cultura surda*, de Karin Strobel (2009a), há um trecho de uma reportagem sobre a família de Sueli Ramalho Segala.

[...] Sueli Ramalho Segala, 43 anos. Surda, ela não sofreu com o preconceito na gravidez. Seus conflitos começaram quando Felipe nasceu. Toda sua família é surda e ele foi o primeiro ouvinte depois de três gerações. Apesar de o pai não ser deficiente, durante o pré-natal o médico afirmou que a chance de o bebê nascer surdo era de 95%. “Foi uma surpresa quando percebemos que ele escutava. Perguntei à minha mãe como eu cuidaria dele” (Perri, 2008 apud Strobel, 2009a, p. 52).

Esse é um exemplo de uma família que tem três gerações de surdos. É a família de Sueli Ramalho, ela é surda e teve um filho ouvinte que foi o único da família. Todos os familiares ficaram preocupados porque nasceu um ouvinte e Sueli também porque não sabia como iria cuidar de seu filho.

É possível perceber que quando nasce um filho ouvinte, a mãe surda também sente uma ansiedade e preocupação de não saber cuidar dessa criança e quais estratégias deve usar para ensinar e estimular esse filho. O mesmo acontece com a mãe ouvinte quando nasce um filho surdo, ela tem o mesmo sentimento. A família de surdos já está acostumada com a sua cultura e com o contato com a língua de sinais e sente quando acontece a diferença ao chegar um filho ouvinte, e da mesma forma acontece na família de ouvintes quando chega um filho surdo.

Mãe e professora, Esmeralda escreveu a dissertação de mestrado que recebeu o título A orientação familiar aos pais que têm um filho surdo: a construção do livro *“O filho é surdo, a família quer saber”* (2015). Ela também é autora junto com o seu filho ouvinte do livro *“A criança é surda, a família quer saber”* (2016).

3.4 – Elis Gorett: a importância da família na divulgação da língua de sinais

Elis Gorett é tradutora intérprete de Libras, não tem familiar surdo, mas possui vivências e experiências importantes de diálogo com as comunidades surda e ouvinte. Ela desenvolveu um caminho de formação na área da Libras para entender mais sobre os surdos e conheceu uma menina surda segregada, que vivia isolada e em situação de risco. Quando foi resgatada, fizeram exames e achavam que essa menina tinha algum tipo de doença, deficiência mental ou autismo. A diretora acreditava que ela não seria capaz de desenvolver porque era muito agitada, nervosa e gritava, e no local em que estava eles passavam uma medicação para a garota se acalmar.

Elis lutou muito por essa menina de nome Samantha quando descobriu que ela era surda, ensinou a Libras a ela, que aprendeu muito rápido e teve esse reconhecimento de sua língua. Elis conseguiu ajudar Samantha mostrando o caminho da Libras para ela. Elis compartilhou com a comunidade surda esse sentimento que é a aquisição da Libras que provoca mudanças e um reconhecimento para a pessoa surda.

A Libras é uma dessas maravilhosas conquistas comigo compartilhadas, tendo em vista minha proximidade, empatia e tempo de convivência com os Surdos. Recebi o convite para participar desse projeto e relatar alguma experiência valorosa vivida por mim que apresente a importância da Libras para o desenvolvimento da pessoa Surda, mas também para seus familiares (Lemos, 2018, p. 109).

Existe o povo surdo e a comunidade surda, porém conforme Sousa (2024, p. 30), “é importante ressaltar que não há uma separação entre surdos e ouvintes e que, não é essa a ideia, pelo contrário, existem momentos e situações de convívio entre esses que são relevantes, por

propiciar o intercâmbio cultural”.

É importante lembrar que as pessoas surdas desenvolvem sua identidade e cultura pela aquisição da Libras. Os surdos e os ouvintes não devem viver separados, eles precisam sempre trocar experiências. Os ouvintes que seguem caminhos nos quais conhecem as experiências de vida das pessoas surdas, entendem as lutas pelos direitos e reconhecimento dos surdos para evitar a opressão e o preconceito. Para Lemos (2018), ouvinte, o contato com a Libras foi transformador:

Muitas coisas aconteceram em minha vida, anos passaram e eu cada vez mais envolvida e apaixonada pela Libras. Conheci Surdos de diferentes lugares, com diferentes histórias vividas por eles e outras vividas comigo, todas importantes, lindas, tristes e felizes (Lemos, 2018, p. 111).

Em geral, esses ouvintes buscam apoiar os surdos e participar das associações de surdos. Diversas experiências que são passadas nessa trajetória e história de vida deles, e esses ouvintes que compreendem como isso é importante, entendem o jeito de ser do sujeito surdo e lutam pelas mesmas causas desse grupo. Por outro lado, causa preocupação quando um ouvinte tem uma criança surda e a priva do contato com outros surdos ou com a língua de sinais, como dito anteriormente. A esse respeito, Elis Gorett explica que: “Tal ocorrência se torna mais grave quando a família segrega o ser humano do contato com a língua, prejudicando o desenvolvimento linguístico, pessoal e social do indivíduo” (Lemos, 2018, p. 119).

Na família que tem filho surdo, ele se sente sozinho e não tem contato nem a aquisição da língua de sinais, a família não oferece o aprendizado da Libras e isso pode provocar um prejuízo linguístico para esse surdo. Para que ele não se sinta isolado, os familiares precisam entender a importância do contato com a sociedade, bem como é necessário que eles aprendam Libras. Na maioria dos casos, esse surdo se sente sozinho no ambiente familiar, mas isso muda ao ter contato com o intérprete de Libras, que conhece o seu jeito de ser, o que pode contribuir para o aprendizado da língua de sinais e o surdo consegue se desenvolver.

Para o sujeito surdo é importante ter uma experiência com um grupo social e a família também precisa participar, porque para viver em sociedade eles precisam adquirir conhecimentos sobre a cultura ouvinte e é necessário que os ouvintes também aprendam sobre a cultura surda para compartilhar esses conhecimentos e experiências e desenvolver a empatia entre eles. “No âmbito familiar, essas interações, trocas de conhecimentos e aprendizados, tornam-se ainda importantes, pois é neste ambiente que ocorre nossa primeira experiência em

grupo social” (Lemos, 2018, p. 119).

É importante que os surdos frequentarem locais que talvez não sejam de seu interesse, mas que será relevante para aumentar seus conhecimentos e experiências. Bem como para os ouvintes, visto que é bom que eles participem de projetos com foco nos cursos de Libras quando forem divulgados, porque muitos nem sabem que a Libras é uma língua, mas o que se percebe é que quando os ouvintes começam a aprender, eles gostam muito da língua de sinais, pois percebem a relevância dessa língua. Existem muitos grupos sociais e em cada um tem diversas experiências que nunca acabam, por isso é importante manter o contato com eles para aprender mais.

É muito valioso a aquisição da língua, seja ela de sinais ou oralizada, na família, pois, conforme Lemos: “[...] a língua que é falada por nossa família, assim como os conhecimentos adquiridos com o tempo” (Lemos, 2018, p. 119). A autora Elis Gorett fala da importância de compartilhar da mesma língua na família, mas o que acontece é que as famílias não sabem Libras, são raros os casos em que o pai e a mãe sabem a língua de sinais, ou que tenha algum intérprete na família.

As pessoas passam maior parte do tempo em casa do que em outros locais da sociedade e porque os pais não se interessam em aprender a Libras? Percebe-se que as pessoas da sociedade em geral têm mais interesse em aprender Libras do que a própria família de surdos. É preciso ter consciência e fazer uma reflexão porque essas pessoas não estão valorizando a cultura do filho surdo. Eles amam seus filhos, mas não se preocupam em aprender mais sobre sua cultura e a língua de sinais.

Na escola às vezes falta o conhecimento sobre a cultura surda, como explica Elis Gorett.

Seguimos eu e meu diretor ao abrigo, ao chegar, fomos recebidos pela assistente que nos encaminhou para a sala da direção. Veio ao nosso encontro a diretora do abrigo e extremamente atenciosa nos alertou: essa menina é agressiva, se mutila com mordidas, grita, investe a cabeça contra a parede várias vezes ao dia, não faz uso de banheiro, não permite que a toquem, não usa talheres e inúmeras outras negativas em relação à aluna (Lemos, 2018, p. 120).

Antigamente os surdos eram inseridos nas escolas, mas as pessoas não sabiam nada sobre a cultura surda e por esse motivo não tinha o estímulo adequado e muitas crianças surdas ficavam agitadas e incomodadas pela falta de comunicação e não conseguiam interagir. Sempre existiram autores que falaram sobre a importância da língua de sinais para os surdos, por meio

dela eles se desenvolvem como sujeito com sua cultura e identidade quando tem contato com surdos adultos fluentes, pois na escola não havia essa comunicação. Dessa forma, Elis Gorett não desistiu de ajudar Samantha.

Esses encontros seguiram acontecendo por um ano todos os dias, porém em apenas 3 meses Samanta já havia adquirido sua língua, sinalizava em Libras lindamente e contava fatos que aconteciam em seu cotidiano, porém, não conseguia relatar uma história muito longa, pois seu cérebro não guardava um grande número de informações correntes (Lemos, 2018, p. 122).

O ouvinte que já tem conhecimento sobre a pessoa surda pode ensinar os surdos, mas precisa ter uma convivência com eles. Os intérpretes de Libras também conhecem a Libras e a cultura surda e podem contribuir com o aprendizado da criança surda. Com o passar do tempo essa criança vai se desenvolver e quando contam histórias em Libras com sentimentos e expressões corporais e faciais, a criança vai entender e seus olhos vão brilhar porque estará compreendendo tudo em sua língua.

No caso de Samantha, ela passou por muito sofrimento, até mesmo a diretora da escola não acreditava que ela seria capaz de se desenvolver, pensava que ela era deficiente e não buscou olhar pela perspectiva da pessoa surda porque não entendia sobre a cultura surda, mas quando aprendeu a Libras houve uma mudança e ela até contava fatos que vivenciava.

Apresentou-se aqui várias histórias que foram relatadas por surdos e ouvintes da comunidade surda, histórias de sofrimento durante seu desenvolvimento e da dificuldade que eles tinham de se expressar, mas as barreiras que esse sujeito enfrenta é por falta de estímulo desde criança. Falta uma interação, uma contação de histórias para estimular a imaginação para ele conseguir desenvolver e saber se expressar porque percebe o mundo de forma visual. Por não ter contato com a Libras desde o início da vida, acontece esse prejuízo e os surdos ficam com dificuldade de se expressar. Por isso é importante trabalhar a Literatura Surda com as crianças para estimular a imaginação e a expressão que é muito importante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentei um estudo sobre como nós, pessoas surdas, expressamos a nossa cultura e relatamos as experiências de vida do passado a partir do livro *Famílias sem Libras: até quando?* (2018), organizado por Cleusa Inês Ziesmann, Gladis Perlin, Shirley Vilhalva e Sonize Lepke, à luz dos conceitos de memória, identidade surda, subjetivação e resistência. O livro citado não é composto por apenas uma história, ele possui relatos de vários autores surdos e ouvintes. Nos diversos relatos, surdos expressam suas histórias de vida.

Sabe-se que a maioria nós, surdos, nascemos em famílias de ouvintes que não têm conhecimento sobre a Libras, por esse motivo, crianças surdas não possuem experiências com a língua de sinais na infância e só vão adquirir esse conhecimento mais tarde e, por isso, com o passar dos anos, desenvolvemos muitas dificuldades pelas barreiras na comunicação que enfrentamos todos os dias, isso causa o atraso no nosso desenvolvimento. É importante que nós surdos e os ouvintes convivamos e compartilhemos experiências por meio da interação, da troca de conhecimentos e do aprendizado da língua de sinais para contribuir com o nosso desenvolvimento.

No referencial teórico, optei pelas narrativas autobiográficas nos estudos da Literatura Surda com o apoio teórico acerca da escrita de si, de Michel Foucault (2009), e seus processos de subjetivação na relação língua e família; apresentei também a discussão e debates propostos por Kanavillil Rajagopalan (2003), acerca da língua e identidade; Karin Strobel (2009a, 2009b), com suas discussões sobre a Literatura e cultura surda, e Shirley Vilhalva (2004), ao mobilizar sujeitos surdos na construção e afirmação de suas identidades.

O estudo das memórias dos povos surdos é um registro histórico e é também um espaço importante na nossa história e cultura. Registrar e compartilhar vivências contribui para a construção de uma identidade surda, de nossas memórias, da subjetividade na nossa formação como sujeitos surdos que nos tornamos protagonistas de nossas próprias histórias e narrativas. A importância das memórias para a comunidade surda se dá pela formação de a nossa cultura, identidade e história através do registro histórico dessas memórias do passado. A análise partiu de reflexões teóricas de autores como Le Goff (2003), Karin Strobel (2009b), Shirley Vilhalva (2004), Emmanuelle Laborit (2000) e relatos do livro *Família sem Libras: até quando?* (2018) que possui muitos autores que escreveram suas memórias e histórias.

No decorrer desse estudo também apresentei as histórias da Literatura Surda infantil que estimulam a fantasia e a imaginação, como por exemplo: *Patinho Surdo* (2005), *O Feijãozinho*

Surdo (2009), *Rapunzel Surda* (2003) entre outros livros que são muito importantes. Observei que essas histórias contadas nos livros infantis se assemelham com as histórias reais que foram relatadas no livro *Família sem Libras: até quando?* (2018), porque é por meio da Literatura Surda que a comunidade surda divulga suas memórias e vivências com a finalidade de contribuir com o processo de subjetivação e construção da identidade do sujeito surdo, assim como com a divulgação e fortalecimento da cultura surda.

Nesse contexto, a partir da análise dos relatos autobiográficos dos seguintes autores Daniel Lopes Romeu, Esmeralda Stelling e Elis Gorett da obra *Família sem Libras: até quando?* (2018), busquei compreender como a ausência da Libras no espaço familiar impacta o desenvolvimento linguístico, identidade e cultura dos surdos, bem como identificar estratégias de resistência e superação por parte dos sujeitos surdos.

O relato de Daniel Lopes Romeu evidenciou as dificuldades familiares e os efeitos do não reconhecimento da Libras durante sua infância, além da ausência de sua identidade surda. Foi por meio da convivência com outros surdos que ele começou a construir essa identidade surda. A postura dos pais também mudou ao perceberem o processo do filho, passaram a estimulá-lo mais, contribuindo para o fortalecimento de sua identidade como sujeito surdo.

Esmeralda Stelling relatou sua experiência como mãe ouvinte e professora que lutou para aprender e ensinar Libras, participar da inclusão do próprio filho surdo e de outras crianças surdas, descreveu como vivenciou a Libras em dois ambientes: no contexto familiar, sendo ouvinte com um filho surdo, e também na escola, trabalhando com alunos surdos.

Elis Gorett compartilhou os desafios vividos por uma menina surda em sua infância. Ela relatou que a criança enfrentou segregação, distanciamento social e a falta da comunicação em língua de sinais. Com o tempo, ao adquirir a Libras e vivenciar sua valorização, a menina passou a sentir-se respeitada e reconhecida. O acesso à língua revelou-se fundamental para o desenvolvimento de sua identidade como sujeito surdo com direitos.

Por esse motivo, entende-se que o nosso processo de subjetivação acontece pelas experiências que vivenciamos ao ter acesso e adquirir a Libras e a partir disso mantemos uma boa convivência com a comunidade surda. Quando as memórias ficam registradas, não construímos uma identidade sozinho, mas permite que futuramente outros possam conhecer as particularidades da cultura surda e é a partir do encontro entre pares demonstramos a resistência do nosso povo e aumentamos a visibilidade de nossa cultura. Nesse sentido, a escrita e a memória se convertem em ferramentas essenciais para que nós, sujeitos surdos, nos reconheçamos e construamos uma história.

Como citado anteriormente, o processo de subjetivação se dá por meio das experiências

que são adquiridas no decorrer das nossas vidas. Aqueles de nós que conseguimos manter um relacionamento com a comunidade surda, vivenciamos experiências diversificadas porque encontramos na comunidade vários sujeitos surdos com suas diversas identidades e culturas surdas. Ao manter esse contato, conhecemos as histórias uns dos outros e trocamos experiências com quem realmente vive na pele as dificuldades que também enfrentamos. Como exemplo apresentei as histórias do livro *Famílias sem Libras: até quando?* (2018), que mostram as diversas experiências das pessoas surdas e familiares de surdos e que em algum momento essas histórias se assemelham e expressam os sentimentos de nós que realmente vivemos na pele os desafios que esses sujeitos enfrentam diariamente.

Em uma sociedade que não se tem o conhecimento sobre a cultura surda e a Libras, não há empatia e interação, mas quando os ouvintes crescem em contato com surdos, reconhecem a importância da língua de sinais para a comunicação e entendem as especificidades da nossa cultura, é possível manter um bom relacionamento entre surdos e ouvintes, com respeito e empatia. Os autores citados nessa pesquisa, Daniel Lopes Romeu, Esmeralda Stelling e Elis Gorett, expressaram em seus textos suas experiências a partir de um despertar. Eles perceberam que poderiam manter um padrão de igualdade com qualquer pessoa a partir da descoberta do mundo a partir da aquisição da língua de sinais.

O que se espera é que não somente esses autores estejam divulgando suas experiências, mas sim que outros surdos comecem a expressar as lutas que passaram em suas trajetórias de vida através de algum registro. Há diversas histórias marcadas pelos desafios enfrentados por sujeitos surdos, memórias de momentos sofridos pelos quais passamos, porém não existem registros para que sejam divulgadas para a sociedade conhecer um pouco mais sobre. Seria importante nos reunirmos para produzirmos uma obra, porque expressamos muitas experiências, mas poucos são os registros aos quais a população tem acesso. Ao adquirir uma identidade surda é necessário que essa identidade seja fortalecida por meio da interação com seus pares, assim como através da divulgação de sua cultura.

Durante essa pesquisa, apresentei uma reflexão acerca da Literatura Surda que possui diversos gêneros como: teatro, poesia, contação de histórias, entre outros que têm por objetivo valorizar a cultura das pessoas surdas a fim de esclarecer e difundir esses conhecimentos para a sociedade. Se não houvesse a Literatura Surda, os surdos não teriam a oportunidade de expressar suas memórias.

Esse estudo abordou ainda as dificuldades que enfrentamos desde a infância porque nossos familiares não têm conhecimento sobre a Libras. A orientação é que quando a família descobre que o filho é surdo, é necessário que algum familiar se interesse pelo aprendizado da

língua de sinais para apoiar e contribuir com o desenvolvimento dessa criança por meio de clareza nas informações e dos momentos em família de contação de histórias. Assim, essa pessoa surda irá adquirir uma identidade e seguir um caminho com um objetivo definido, estará claro em suas memórias sua trajetória a partir da aquisição da Libras, da imaginação das histórias que vivenciou na infância que contribuíram com a sua formação de sujeito surdo. Os surdos que trilham algum caminho em que não há o contato com a Libras e a Literatura Surda, perdem a oportunidade compreender muitas coisas, não conseguem participar de discussões e de movimentos importantes.

Portanto, é relevante disseminar essa informação para que todos tenham acesso a Libras para que ela seja mais valorizada e, assim como a raiz de uma árvore, seja firme se tornando protagonista. A identidade, a cultura e as memórias de nós, surdos, devem ser reveladas, histórias de sofrimento que precisam ser divulgadas com a finalidade de que as novas gerações trilhem um caminho diferente, de reconhecimento e respeito pela nossa cultura.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, Luciana Aparecida Silda de; SOUSA, Marcio Jean Fialho de; MAGALHÃES, Bruna Nascimento; MONÇÃO, Bruno L. Fagundes. “Análise do discurso e principiantes: (des)encontros, deslo(u)camentos e (des)caminhos”. In: LEMOS, Flávia C. S.; et al. *Pesquisa – intervenção: processos de subjetivação, saber e poder*. Curitiba: CRV, 2024.

CAMPOS, Giovana Cristina Dutra de. “O reconhecimento da língua materna: Dificuldades do sujeito surdo em um ambiente ouvinte”. In: ZIESMANN, Cleusa Inês; PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley; LEPKE, Sonize (org). *Famílias sem Libras: até quando?* Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

ESPINDOLA, Claudia; ZIESMANN, Cleusa Inês; BATISTA, Jeize de Fátima. “O nascimento de uma mãe”. In: ZIESMANN, Cleusa Inês; PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley; LEPKE, Sonize (org). *Famílias sem Libras: até quando?* Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160.

KARNOPP, Lodenir Becker. “Produções culturais de surdos: análise da literatura surda”. In: *Cadernos de Educação* (UFPel), v. 19, p. 155 - 174, 2010.

KELLER, Helen. *A história de minha vida*. Rio de Janeiro: Ed. José Olímpio, 1939.

KRAUSE, Kelly. “O brilho das mãos na comunicação”. In: ZIESMANN, Cleusa Inês; PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley; LEPKE, Sonize (org). *Famílias sem Libras: até quando?* Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

KUCHENBECKER, Liège Gemelli. *O Feijãozinho Surdo*. Canoas: Editora da ULBRA, 2009.

LABORIT, Emmanuelle. *O grito da gaivota*. Tradução: Angela Sarmento. Lisboa: Caminho, 2000.

LAJOLO, Marisa. *O que é Literatura*. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LARA, Ana Paula Gomes. “Minha História de vida: Identidade e Libras”. In: ZIESMANN, Cleusa Inês; PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley; LEPKE, Sonize (org). *Famílias sem Libras: até quando?* Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEMOES, Elis Goretti da Silveira. “A Libras na família de uma mãe-professora”. In: ZIESMANN, Cleusa Inês; PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley; LEPKE, Sonize (org). *Famílias sem Libras: até quando?* Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

MESSERSCHMIDT, Sonia T. “Minha Vida: Importância do Movimento Surdo”. In: ZIESMANN, Cleusa Inês; PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley; LEPKE, Sonize (org). *Famílias sem Libras: até quando?* Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

MORGADO, Marta. “Literatura em língua gestual”. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia L. (Org.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. Ulbra, 2011. P. 151-171.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Literatura surda: experiência das mãos literárias*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151708/001012805.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 15 nov. 2024.

PAVAN, Grasielle. *Libras como Língua (de direito) no registro da memória da comunidade surda*. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020. Disponível em:
<https://repositorio.uces.br/xmlui/bitstream/handle/11338/8401/Disserta%20Grasielle%20Pavan.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 10 jan. 2025.

PERLIN, G; STUMPF, M. (orgs). *Um olhar sobre nós surdos – leituras contemporâneas*. Curitiba: Editora CRV, 2012.

PERLIN, Gladis. “Minha história de vida surda”. In: ZIESMANN, Cleusa Inês; PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley; LEPKE, Sonize (org). *Famílias sem Libras: até quando?* Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RANGEL, G. M. M. “História cultural da pedagogia dos surdos: 15 anos depois”. In: ZIESMANN, Cleusa Inês; PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley; LEPKE, Sonize (org). *Famílias sem Libras: até quando?* Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

ROMÁRIO, Lucas; DORZIAT, Ana; “Professoras surdas: ensino, formação e pedagogia surda”. In: *Comunicações Piracicaba*, v. 23, n. 3, Número Especial p. 287-309, 2016. STELLING Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/comunic/v23n3ses/2238-121X-comunic-23-03-ses-00287.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2025.

ROMEU, Daniel Lopes. “Minha História: Minha Vida!”. In: ZIESMANN, Cleusa Inês; PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley; LEPKE, Sonize (org). *Famílias sem Libras: até quando?* Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. *Patinho Surdo*. Canoas: ULBRA, 2005.

SILVEIRA, Carolina Hessel; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. *Rapunzel Surda*. Canoas: ULBRA, 2003.

SOUSA, Marcio Jean Fialho de. “Preconceito linguístico e a língua de sinais”. In: *Revista Interfaces*. Vol. 10, n. 02, 2019. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/5966. Acesso em: 09 de julho de 2025.

SOUSA, Marcio Jean Fialho de. *A Atualidade dos gêneros autobiográficos*. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2019.

SOUSA, Marcio Jean Fialho de. “O ensino da literatura das margens: reflexões de modelo surdo”. In: SOUSA, Marcio Jean Fialho de. (Org.). *Estudos da Literatura Surda*. 1ª ed. Montes Claros: Uiclap, 2024.

STELLING, Esmeralda. “A Libras na família de uma mãe-professora”. In: ZIESMANN, Cleusa Inês; PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley; LEPKE, Sonize (org). *Famílias sem Libras: até quando?* Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 2ª ed. Santa Catarina: Editora UFSC, 2009a.

STROBEL, Karin. *História da Educação dos Surdos*. Florianópolis: UFSC, 2009b.

VILHALVA, Shirley. *Despertar do silêncio*. Florianópolis: Arara Azul, 2004.

VILHALVA, Shirley. *Índios Surdos: Mapeamento das Línguas de Sinais do Mato Grosso do Sul*. RJ: Arara Azul, 2012.

ZIESMANN, Cleusa Inês; PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley; LEPKE, Sonize (org). *Famílias sem Libras: até quando?* Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.